

**FACULDADE VALE DO CRICARÉ
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO SOCIAL,
EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

SERLI SANTOS SILVA

**FAKE NEWS: REFLEXÕES SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DIANTE DAS
PSEUDO INFORMAÇÕES**

**SÃO MATEUS-ES
2019**

SERLI SANTOS SILVA

FAKE NEWS: REFLEXÕES SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DIANTE DAS
PSEUDO INFORMAÇÕES.

Dissertação apresentada ao Programa de
Mestrado em Gestão social, educação e
desenvolvimento regional, da Faculdade Vale
do Cricaré.

Orientador: da Professora Dra. Yolanda
Aparecida de Castro Almeida Vieira

SÃO MATEUS-ES
2019

Autorizada a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação

Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional

Faculdade Vale do Cricaré – São Mateus – ES

S586f

Silva, Serli Santos.

Fake news: reflexões sobre as representações diante das pseudo informações / Serli Santos Silva – São Mateus - ES, 2019.

62 f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2019.

Orientação: prof^a. Dr^a. Yolanda Aparecida de Castro Almeida Vieira.

1. *Fake news*. 2. Jornalismo. 3. Veracidade. I. Vieira, Yolanda Aparecida de Castro Almeida. II. Título.

CDD: 070.4

Sidnei Fabio da Glória Lopes, bibliotecário ES-000641/O, CRB 6ª Região – MG e ES

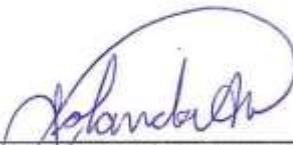
SERLI SANTOS SILVA

**FAKE NEWS: REFLEXÕES SOBRE AS REPRESENTAÇÕES
DIANTE DAS PSEUDO INFORMAÇÕES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional da Faculdade Vale do Cricaré (FVC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional, na área de concentração Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional.

Aprovada em 12 de dezembro de 2019.

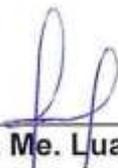
COMISSÃO EXAMINADORA



Profa. Dra. Yolanda Aparecida de Castro Almeida
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)
Orientadora



Prof. Dr. Marcus Antonius da Costa Nunes
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)



Profa. Me. Luana Frigulha Guisso
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)



Profa. Dra. Minervina Joseli Espíndola Reis
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

AGRADECIMENTOS

À Deus, força que me rege e me permitiu chegar até aqui.

À minha família, pela compreensão em minha ausência nos dias de estudos.

À minha orientadora Yolanda de Castro por todo apoio e dedicação, e aos profissionais que gentilmente contribuíram com seus conhecimentos para enriquecimento deste trabalho.

RESUMO

Este estudo, tem por objetivo discutir a problemática das pseudo informações, empiricamente retratadas por Fake News, considerando suas consequências e assim, apresenta orientações para combater a disseminação das mesmas. A abordagem empregada baseia-se no levantamento de casos em que falsas notícias, causaram sérios constrangimentos, ou provocaram danos irreversíveis à vida de pessoas. Ainda aborda a constante busca de profissionais da comunicação por preservar a autenticidade da atividade, no que tange a veracidade, fator imprescindível para o exercício do jornalismo. Assim analisa como, dissimuladas de informação, notícias falsas são incutidas na sociedade de modo que se alastram rápida e progressivamente. Discute de que forma o avanço da tecnologia da informação proporcionou um incandescente aumento de propagação de notícias falsas tendo em vista que até o fim da primeira década deste século, essas pseudo informações passavam despercebidas ou a elas era dado pouco crédito e com a tecnologia, em dias atuais, notícias falsas circulam de forma veloz mascaradas de informação. Para tanto, a metodologia utilizada foi desenvolvida em três pilares: relato e análise de casos e conteúdos, embasamento bibliográfico, pesquisa e entrevista com jornalistas profissionais. Apresentamos um blog com sugestões de profissionais para o combate a disseminação de Fake News. Não se trata de eliminar, mas de preservar a essência do Jornalismo profissional e ético e o direito do cidadão à informação verídica. Conclui-se que muitas vezes as pseudo informações partem de acontecimentos verídicos, como vincos de informação criados por motivos tendenciosos.

Palavras-chave: Fake News, Jornalismo, veracidade.

ABSTRACT

This study aims to discuss the problem of pseudo-information, empirically portrayed by Fake News, considering its consequences and thus presents guidelines for combating its dissemination. The approach used is based on the survey of cases in which false news, caused serious embarrassment, or caused irreversible damage to people's lives. It also addresses the constant search for communication professionals to preserve the authenticity of the activity, with respect to veracity, an essential factor for the exercise of journalism. Thus it analyzes how, disguised as information, false news is instilled in society so that it spreads rapidly and progressively. It discusses how the advancement of information technology has led to an incandescent increase in the spread of false news, considering that until the end of the first decade of this century, this pseudo information went unnoticed or they were given little credit and with technology, in Nowadays, false news circulates quickly masked by information. To this end, the methodology used was developed in three pillars: reporting and analysis of cases and content, bibliographic basis, research and interview with professional journalists. We present a blog with suggestions from professionals to combat the spread of Fake News. It is not a question of eliminating, but of preserving the essence of professional and ethical journalism and the citizen's right to truthful information. It is concluded that pseudo information often starts from true events, such as creases of information created by biased reasons.

Keywords: Fake News, Journalism, veracity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 LIBERDADE DE EXPRESSÃO E SEUS LIMITES	14
2.1 JORNALISMO: COMO SURTIU E COMO SER FEITO.....	17
2.2 JORNALISMO DIGITAL.....	19
2.3 ANÁLISE DO CÓDIGO DE ÉTICA DOS JORNALISTAS	20
2.4 FAKE NEWS – A FALSA NOTÍCIA.....	23
2.5 FAKE NEWS E SEUS DESMEMBRAMENTOS. ALGUNS CASOS.....	24
2.5.1 O Labic – Laboratório de Cibercultura da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES	27
3 PERCURSO METODOLÓGICO	29
4 DISCUSSÕES E RESULTADOS	33
5 CONCLUSÕES	39
REFERÊNCIAS	41
APÊNDICES	42

1 INTRODUÇÃO

Jornalista, formada há 11 anos pela Faculdade de Ciências Aplicadas “Sagrado Coração – Unilinhães”, e com 21 anos de atuação na área. Trabalho em telejornalismo, trabalhando anteriormente a este período no rádio por um período de três anos, além de experiência com publicações em revista e jornal impresso, produção institucional e política durante eleições.

Atualmente trabalho como repórter na TV Gazeta Norte, e sou professora no curso de Publicidade e Propaganda da Faculdade Vale do Cricaré – FVC, em São Mateus.

Nascida e criada no Espírito Santo, tenho acompanhado as mudanças que ocorrem na forma de divulgação de notícias, e percebo que nem sempre as informações são fatos. A imprensa passou a dividir (ou disputar) espaço com as mídias sociais, e nelas, muitas pessoas tomam para si a função de jornalistas, e sem qualquer critério ético ou moral, publicam pseudo informações como se fossem verdades. Nisto se fez a necessidade de falar sobre o assunto Fake News: Reflexões sobre as representações diante das Pseudo Informações.

A trajetória progressiva de informações falsas, confundidas com notícias e conhecidas como fake News, deve alertar a sociedade para as consequências que uma pseudo notícia pode gerar. Não há como precisar no tempo e espaço a maneira como estas mensagens são incorporadas no imaginário da população, mas é fato que o avanço das tecnologias da informação ritmaram também a proliferação de informes enganosos, que muitas vezes, por serem de simples compreensão, prevalecem sobre os fatos. Assim, à proporção que estes comportamentos se espalham, o fantasioso ganha primazia e a realidade parece tão absurda que a cada momento distância e dificulta a assimilação de notícias reais.

Este alarme relatado vem de encontro ao mérito que deveria ser creditado à comunicação, fator essencial para o desenvolvimento de qualquer sociedade, para um processo evolutivo da humanidade. Porém, não se trata de negar a autonomia do indivíduo, diretamente relacionada à sua liberdade de expressão. Em sua essência, cada pessoa é um ser social e mais que uma capacidade, sua comunicação é

totalmente necessária, pois a comunicação permite que complexos arranjos sociais sejam acumulados e transmitidos através de gerações, promovendo a acumulação de cultura, fazendo com que está se instale, se não sobre à biologia, pelo menos, concomitante aos mecanismos biológicos dos seres humanos.

Portanto, a comunicação é fator primordial para o desenvolvimento em sociedade. Através do ato de comunicar-se o ser humano avançou da vida primitiva transformando o mundo ao seu redor. Sem ela, o processo evolutivo da humanidade seria impossível. Porém, à medida que esta comunicação atropela as informações, possuindo um formato ludibriador e ao mesmo tempo mascarada de seriedade, é necessário refletir sobre os limites da comunicação. Limites que de tão atropelados, foram percebidos pelo Dicionário Oxford, em 2017, apontando o vertiginoso crescimento da expressão Fake News. É, portanto, mister questionar e refletir sobre a constante violação dos direitos humanos que estas inverdades podem provocar.

A comunicação é parte importante da natureza humana. Pequenos e numerosos eventos que acontecem no dia a dia desde que somos crianças até nos tornarmos adultos. E através deles vamos adquirindo conhecimentos, valores, culturas. Tudo isso porque nestes eventos está a comunicação.

Dos desenhos rupestres da pré-história, formas diversas de interação, troca de informação, à tecnologia da informação imediata do século XXI. O processo de comunicação foi, e é o caminho para o progresso, para se desbravar novas áreas, para se alcançar pontos cada vez mais altos, pois é ela, a comunicação que nos possibilita novos e maiores conhecimentos.

E quando se fala em progresso na comunicação, a primeira coisa que se pensa é em tecnologia cada vez mais avançada. Avançou tanto que, a escrita com caneta tinteiro em papel rústico, foi perdendo espaço para os tipos gráficos e mais tarde, para a escrita digital. Saiu das grandes máquinas para as pequenas telas de celulares e smartphones na palma da mão. É uma transformação difícil de mensurar, e que a cada dia alcança novos e maiores formatos.

Com tanta facilidade ao alcance, a sociedade se apoderou da “informação” com a justificativa de estar se comunicando. O jornalismo passou a ser “propriedade” de todos. Um aparelho remoto e internet no local em que algo acontece, são as ferramentas necessárias. O fato é imediatamente compartilhado.

Não se questiona aqui a apropriação da informação pelas pessoas, porém é necessário inquirir a veracidade do informe, os valores nele embutidos e as intencionalidades, ora posto, para certificar-se se não houve uma supervalorização do assunto, com o intuito único de chamar a atenção do leitor.

A frequência em que essa forma de agir vem se expandindo externou o impasse das notícias falsas, o que hoje se chama *Fake News*. Os malefícios desta prática começam a aparecer. Em vez de personagens de histórias, muitas pessoas têm se tornado vítimas de mentiras espalhadas como se fossem notícias. Diante do exposto, fica a pergunta: Como identificar e combater as *Fake News*?

Diante do exposto algumas hipóteses foram levantadas. O caminho mais provável para alcançar tais respostas deve passar pela apuração da fonte e sua confiabilidade, origem da informação, confirmação com outros profissionais, outras fontes, outros veículos. É ainda, abster-se da inquietude de repassar adiante uma informação, antes atestar sua veracidade. A confirmação com fontes oficiais (Polícia, bombeiros, órgãos públicos, e até mesmo, as próprias pessoas envolvidas em tal notícia) é também uma forma eficaz de evitar que uma informação inverídica seja espalhada, gerando desconfortos, constrangimentos e aborrecimentos desnecessários.

Este estudo busca trazer respostas tendo por base o direito do cidadão à informação verídica e consistente, que vem sendo preterido pelo impulso de pessoas comuns em divulgar acontecimentos como fontes primárias da notícia, sem a devida precaução de confirmar dados, e ainda pela ausência de responsabilidade sobre as consequências de notícias errôneas sobre a vida de pessoas.

Esta discussão se desenvolve nesta pesquisa com o objetivo de possibilitar ao leitor uma percepção mais apurada sobre o que é verídico e o que é inverdade numa notícia. E apresentar meios para a identificação e combate às *Fake News*. O que se pretende

é aferir com que intensidade tais inverdades atingem a sociedade, se há preocupação notória dos cidadãos comuns em verificar notícias que recebem, antes de passá-las adiante.

Assim, esta pesquisa analisa as possíveis formas de identificação de Fake News, identifica meios de combate à disseminação de falsas notícias e apresenta um blog com opinião e sugestão de profissionais da comunicação para que as pseudo informações sejam diminuídas e até eliminadas ainda próximo de sua origem, além de publicações com a confirmação ou não de sua veracidade. A página será abastecida inicialmente a cada 15 dias.

Este estudo evidencia formas para a identificação e combate à essa prática nociva ao bom jornalismo, à comunicação ética e saudável, ao direito do cidadão a informação verídica, e à boa convivência entre os profissionais de comunicação e sociedade.

O capítulo 2 apresenta explicações relacionadas ao direito de cada cidadão à informação, a liberdade de expressão e pensamento, o jornalismo e suas bases éticas, e apresenta ainda exemplos de erros e abusos cometidos por profissionais da comunicação e cidadãos comuns que de posse de ferramentas digitais contribuíram para que falhas graves resultassem em tragédias.

O capítulo 3 traz o percurso metodológico utilizado para obter-se os dados e informações que formam a base desta pesquisa, e desse modo chegar-se ao produto final, um blog com orientações e esclarecimentos sobre Fake News.

O capítulo 4 apresenta uma síntese sobre o jornalismo e jornalistas na visão de profissionais da comunicação que atuam em diferentes partes do país. Estes profissionais analisam a atuação da categoria diante da necessidade de enfrentar diariamente o desafio de combater fake News e não serem enganados por notícias inverídicas. E finaliza apresentando um blog com sugestões e orientações profissionais para identificar e combater a disseminação de pseudo informações, e que semanalmente é alimentado com notícias Fake e/ou verídicas devidamente apuradas com a identificação se são ou não Fake News.

O quinto capítulo traz os resultados da pesquisa, que apresenta como a tecnologia através das mídias digitais influencia no formato de comunicação jornalística tanto de forma positiva quanto negativa.

2 LIBERDADE DE EXPRESSÃO E SEUS LIMITES

Vários governos repressores passaram pela história do Brasil desde sua colonização. Manifestar-se contra um regime significava punição severa, que poderia ser até mesmo a morte. Em um destes momentos, mais recentes na história do país, com o fim do governo de João Goulart o país atravessou uma de suas piores fases de repressão. Não era permitida a manifestação ou críticas contra o regime. Formadores de opinião foram obrigados a calar-se. A censura pairava sobre as redações dos jornais. Era decidido por representantes do governo o que poderia ser publicado.

A partir de 1964, por mais de 20 anos, o direito à manifestação livre de pensamento estava cerceado pelo poder do governo militar. Sob o risco propenso de se tornarem vítimas de tortura ou simplesmente desaparecerem, estudantes, artistas, jornalistas... foram às ruas clamar por liberdade. Com a queda do governo militar em 1988 uma nova Constituição Federal, deu aos brasileiros o direito à liberdade de expressão:

“Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:
[...] IV - é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato;
[...] IX - é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença;” (BRASIL 1988)

O artigo 5º desta Constituição Federal, datada de 5 de outubro de 1988, garantiu a todo cidadão brasileiro o direito de expressar-se livremente, ponderando no entanto o direito de resposta, em caso de notícias em inconformidade com a verdade, conforme descreve o inciso V: “é assegurado o direito de resposta, proporcional ao agravo, além da indenização por dano material, moral ou à imagem;” Ou seja, a própria Constituição Federal garante o direito à liberdade de expressão deixando claro que há limites, e que se os mesmos forem extrapolados, haverá punição.

Mas nas últimas décadas, o avanço de novas tecnologias vem provocando questionamentos. A tecnologia digital proporcionou o acesso fácil à informação, e a propagação rápida de informações sob o domínio de qualquer pessoa, que tenha, por exemplo, um celular Smartphone. Mas as pessoas como um todo, estão mesmo preparadas para comunicar-se através desses dispositivos em sua totalidade? Usam a sua “liberdade” de forma ética, moral e respeitosa? Segundo a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, publicada em 1789 na França,

Art. 4º. A liberdade consiste em poder fazer tudo que não prejudique o próximo. Assim, o exercício dos direitos naturais de cada homem não tem por limites senão aqueles que asseguram aos outros membros da sociedade o gozo dos mesmos direitos. Estes limites apenas podem ser determinados pela lei. (FRANÇA, 1789)

Definida a forma como é livre o ser humano e cidadão, a Declaração continua:

Art. 11º. A livre comunicação das ideias e das opiniões é um dos mais preciosos direitos do homem. Todo cidadão pode, portanto, falar, escrever, imprimir livremente, respondendo, todavia, pelos abusos desta liberdade nos termos previstos na lei. (FRANÇA, 1789)

Neste trecho temos o que se pode chamar de responsabilidade pelo ato de comunicar. Ou seja, a livre manifestação do pensamento é permitida a todo cidadão, todavia, quaisquer que sejam as consequências desse ato, as responsabilidades também serão. Assim sendo, conclui-se que para manifestar-se livremente, o cidadão precisa respeitar limites, os limites da ética.

A Declaração francesa serviu de base para que outros documentos assegurassem os direitos e deveres da pessoa humana. Neste contexto temos a Declaração Universal dos Direitos Humanos, aprovada pela ONU –Organização das Nações Unidas – em 1948, cujo artigo XIX estabelece que “Todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras.” E mais adiante, no artigo XXIX, inciso 2 a Declaração reforça os deveres do ser humano:

No exercício de seus direitos e liberdades, todo ser humano estará sujeito penas às limitações determinadas pela lei, exclusivamente com o fim de assegurar o devido reconhecimento e respeito dos direitos e liberdades de outrem e de satisfazer as justas exigências da moral, da ordem pública e do bem-estar de uma sociedade democrática. (FRANÇA, 1789)

Percebe-se nestes dois trechos, a preocupação em garantir o direito à liberdade de expressão, e assim como na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, as penalidades cabíveis nos casos de desconformidade com a lei, a moral e os bons costumes.

Discorreremos ainda sobre a comunicação, considerando-se suas teorias. Estudiosos como Lasswell, Lazarsfeld, e as Escolas (Escola Estadunidense, Escola de Chicago, Escola de Palo Alto, Corrente Funcionalista, Escola Canadense, Escola Francesa,

Escola de Frankfurt, Escola Inglesa) que difundiram os pensamentos sociológicos, psicológicos, antropológicos, filosóficos e linguísticos acerca da comunicação, foram fundamentais para romper barreiras e traduzir esses pensamentos às grandes massas.

Algumas teorias (Hipodermica, por exemplo) defendiam que a comunicação, era apenas enviada (por um emissor) e recebida (por um receptor). Na década de 1930, a Hipodérmica, uma das mais rígidas apregoava que todos eram atingidos da mesma forma por uma única mensagem... outras já analisavam mediações, com um retorno, uma resposta ao emissor, era o que defendia o modelo de Arold Lasswell).

O século XX foi de grande exploração desses estudos, que passaram a avaliar também, a influência dos meios sobre as massas. O mecanismo propunha investigação crítica de estratégias e ideologias, o que abriria caminho para discussões e debates. No entanto, não se pode deixar de salientar como os meios de comunicação se posicionavam e eram vistos nesse processo. O semiólogo, antropólogo e filósofo colombiano Jesus Martín Barbero discorre sobre as transformações provocadas por esse período, em uma de suas publicações.

A onipotência atribuída pela versão funcionalista aos meios passou a recair sobre a ideologia, que se tornou objeto e sujeito, dispositivo totalizador dos discursos. Produziu-se, assim, um recorte ambíguo do campo da comunicação que, subsumido ao ideológico, acabou tendo sua especificidade definida pelo isolamento. Tanto o dispositivo do efeito, na versão psicológico-condutista, quanto o da mensagem, na versão semiótico estruturalista, acabavam remetendo o sentido dos processos à imanência do comunicativo. Caindo, porém, no vazio. Ao se preencher esse vazio com "o ideológico", ficamos com o recorte – o comunicacionismo - mas sem especificidade. [...] Entre emissores-dominantes e receptores-dominados, nenhuma sedução, nem resistência, só a passividade do consumo e a alienação decifrada na imanência de uma mensagem-texto nunca atravessada por conflitos e contradições, muito menos por lutas. (BARBERO, p 278-279, 1997)

Nota-se, no entanto, que embora o direito de comunicar-se era difundido, as formas de fazê-lo, já prenunciavam que haveria, de certo modo, um descontrole. Isso fez, como mostra Barbero, com que houvesse uma reação a partir dos anos da década de 70, que procurava evitar o “denuncismo” e criava um *modelo informacional*, cientificista, o que também não viria a ser a melhor alternativa.

[...] a delimitação operada pelo modelo informacional deixa de fora coisas demais. Não somente a questão do sentido, mas também a do poder. Fica de fora toda a gama de perguntas que vêm da informação como processo de

comportamento coletivo. Fica de fora o conflito de interesses em jogo na luta por produzir, acumular ou veicular informações e, por conseguinte, os problemas da desinformação e do controle. Ao deixar de fora da análise as condições sociais de produção do sentido, o modelo informal elimina a análise das lutas pela hegemonia, isto é, pelo discurso que "articula" o sentido de uma sociedade. (BARBERO, p 280, 1997)

Assim é possível compreender, que no processo comunicacional, embora se procure seguir padrões, os mesmos acabam por desconstruir a ideia de comunicação, como de fato ela é, ou deveria ser.

2.1 JORNALISMO – COMO SURTIU E COMO DEVE SER FEITO

Textos que deram origem ao jornalismo surgiram há mais de 2000 (dois mil) anos, supostamente em Roma, na Itália. Mas não se sabe ao certo a origem exata. Os primeiros registros que se tem conhecimento, datam de 59 a.C quando o imperador romano Júlio César manifestou o desejo de informar à população sobre os acontecimentos políticos e sociais, que ocorriam no reino. Seus conselheiros eram incumbidos de anunciar execuções, campanhas militares e sociais. “As notícias eram colocadas em grandes placas brancas expostas em local de grande acesso ao público” (RODRIGUES, 2014). A prática deu origem ao *Acta Diurna*, o jornal mais antigo que se tem notícia (Abilnter).

Já no século VIII, jornais escritos à mão surgiram na China. Mas foi ainda no século XV que a imprensa ganhou formato mais profissional. O alemão Johannes Gutenberg inventou em 1438 os tipos gráficos móveis, máquina que foi chamada de “Imprensa”. Ela foi uma revolução moderna, pois acelerou a composição de livros que passaram a ter produção em série mecanizada. Foi da invenção de Gutenberg que surgiram os jornais com notícias mercantis que circulavam entre os comerciantes.

[...] as notícias tinham-se tornado uma verdadeira mercadoria, e *noticiaristas* (*menanti*, na Itália) organizaram para os príncipes ou negociantes serviços regulares de correspondências manuscritas. Essas *notícias à mão*, às quais se dava com frequência o nome italiano de *avvisi* porque Veneza, grande entroncamento comercial, era um importante centro de difusão desses escritos, deixaram sua marca em toda a Europa e tomaram um impulso considerável no século XVI (ALBERT; TERROU, P 5, 1990)

A divulgação de notícias de forma mais intensa começou a evoluir. Já em 1556 na Itália foi lançado pelo governo o *Notizie Scritte* que custava uma pequena moeda que ficou conhecida como “Gazetta”.

Ainda no século XVI, surgiram os *pasquins* na Europa, um tipo de folha volante que já traziam uma leve similitude com os jornais diários contemporâneos. “Mantendo com a atualidade apenas relações difusas, os pasquins relatavam fatos sobrenaturais, crimes, catástrofes e todos os acontecimentos extraordinários. O mais antigo pasquim conhecido na França data de 1529 (1990, p 5).”

A partir do século XVII, na Europa Ocidental teve início a publicação periódica. Foi em 1609 na Alemanha. Na primeira metade do século XVII as notícias locais ganharam mais espaço. Mas a censura era comum, e não se podia publicar nada que provocasse insatisfação contra o governo. “A primeira lei protegendo a liberdade de imprensa foi aprovada na Suécia em 1766 (AbilInter).”

Foi com a criação do telégrafo, em 1844 que o jornalismo sofreu uma de suas maiores mudanças. As notícias passaram a circular mais rápido, e em meados do século XIX os jornais impressos já eram o principal veículo de transmissão de informação, e fortes grupos editoriais surgiram com grande capacidade de influência.

O surgimento do rádio, nos anos 1920 foi outra revolução que mais uma vez transformou o jornalismo. Era uma nova tecnologia que levava as informações de forma mais rápida e a mais pessoas. Isso voltou a acontecer a partir dos anos 1940 com o surgimento da televisão e a partir do fim dos anos 1990, quando a internet chegou trazendo volume e atualização de informações sem precedentes.

Com a chegada da internet veio uma diversidade de plataformas que possibilitaram e possibilitam a interatividade de comunicação. Essa transformação continua acontecendo. E da interatividade, também surgiu a autonomia de exploração das notícias. Assim sendo, muitos decidiram ser protagonistas, porta-vozes vorazes dos acontecimentos.

Mas, em conclusão, qual o significado do jornalismo? Segundo Bahia (2009, p 19) “... é uma arte, uma técnica e uma ciência. No julgamento do cético, porém, é um tipo qualquer de comércio. No do idealista, significa compromisso e privilégio.” E essa arte ou ciência vem acompanhada de responsabilidade.

A palavra *jornalismo* quer dizer apurar, reunir, selecionar e difundir notícias, ideias, acontecimentos e informações gerais com veracidade, exatidão, clareza, rapidez, de modo a conjugar pensamento e ação. É da natureza do jornalismo levar a comunidade, direta ou indiretamente, a participar da vida social. Nesse sentido, assume uma condição de intermediário da sociedade (Bahia, P 19, 2009).

De tal forma, o jornalismo se materializa contribuindo para formar opiniões, estabelecer padrões de comportamento, formar cidadãos críticos. Neste contexto, estabelece-se como padrão imprescindível, o fator verdade, na elaboração e divulgação de textos noticiosos.

2.2 JORNALISMO DIGITAL

Desde o surgimento das primeiras organizações de imprensa na Europa e Estados Unidos no século XIX, que as agências mantem-se compenetradas em reportar notícias em tempo real. Nos anos 1990 quando finalmente surgiu a internet comercial, elas se encarregaram de protagonizar mais essa realização. Foram as primeiras a alimentar o meio digital com notícias.

O caráter noticioso dos primeiros portais criados a partir das próprias empresas jornalísticas no Brasil preparou um terreno fértil para leitores ansiosos por informações verem na tela de um computador a instantaneidade que até então, era dominado pelo rádio, e já era introduzido também pela televisão. E sua chegada pôs em risco essa característica do rádio, pois, além de ser divulgada em tempo real, a notícia da internet permanece escrita lá, podendo ser acessada ao longo do tempo, bastando apenas uma busca no sistema de arquivo do portal. Mas essa possibilidade também colocou em cheque a credibilidade do jornalismo. Era preciso alimentar constantemente as páginas, e aquelas notícias publicadas por último eram tidas como as mais importantes, aquelas que valiam a pena ser lidas. As demais já eram consideradas velhas. E no afã da instantaneidade dos primeiros anos, alguns portais prometeram publicar uma matéria por minuto. Daí surge a sessão que se vê em centenas de portais: “Minuto a minuto”. Mas provocou certo desespero nas velhas lições da prática jornalística. E a notícia sofreu mudanças indesejáveis.

Ela já não era publicada quando estava pronta, seguindo as técnicas básicas de apuração vigoravam até então – como fazer o cruzamento de várias fontes, ouvir o outro lado em questões polêmicas, buscar o equilíbrio em um texto que tivesse a pretensão de dar uma visão ampla dos fatos, etc. O que

se viu foi uma ânsia publicadora tão grande que o jornalista transformou-se praticamente em um difusor de informação ou em um instantaneísta, como definiu o jornalista Ignacio Ramonet, do periódico francês *Le Monde Diplomatique*. (FERRARI, 2016 P. 114)

Esse foi um fator negativo e prejudicial à qualidade e credibilidade da notícia jornalística, já que o básico da profissão começa a ser deixado de lado em detrimento de uma voracidade por instantaneidade. A notícia passou a ser divulgada de maneira fragmentada. Primeiro vinha o acontecimento, e pouco a pouco, as informações sendo complementadas com novos títulos e lembrando o que havia sido publicado sobre o assunto. Cada novo detalhe apresentado por uma nova fonte virava um novo título, uma nova matéria.

Essa prática não foi eliminada completamente das plataformas online. Alguns sites ainda fazem, vez ou outra, a publicação de notícias por partes, à medida que as informações vão chegando. O que se percebe nesta atitude, é que, o mais importante é informar primeiro. No entanto, com essa forma de divulgação, os principais sites de notícias perceberam que no final do dia, o internauta tinha dificuldade para compreender o que realmente aconteceu. “Restavam apenas pedaços que não eram consolidados e que não apresentavam lógica interna entre si. Quem quisesse saber o que realmente aconteceu naquele dia, teria que esperar o ‘Jornal Nacional’ ou o jornal impresso da próxima jornada. (Ferrari, 2016)”

Do meio digital, surgiram as redes sociais, e estas se tornaram um importante meio de difusão de notícias. Embora alguns profissionais da comunicação não o considerem tanto, faz-se necessário lembrar a observação de Bahia (2009, p 19) que afirma que “Todos os meios pelos quais a notícia chega ao público são jornalismo. Na base do seu processo estão a elaboração, a periodicidade e a persistência.”

2.3 ANÁLISE DO CÓDIGO DE ÉTICA DOS JORNALISTAS

Ainda na infância, o ser humano recebe suas primeiras orientações morais. São ensinamentos transmitidos pelos pais, avós, tios, professores. Eles apresentam conceitos que servirão de base para comportamentos cordiais, seguindo os princípios legais estabelecidos na sociedade, o que se reflete em tomadas de decisões e

comportamentos éticos. Vale ressaltar, porém, que a ética é ciência, enquanto Moral refere-se a valores.

A ética é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade. Ou seja, é ciência de uma forma específica de comportamento humano.

[...] A ética é a ciência da moral, isto é, de uma esfera do comportamento humano

[...] Seu objeto de estudo é constituído por vários tipos de atos humanos: os atos conscientes e voluntários dos indivíduos que afetam outros indivíduos, determinados grupos sociais ou a sociedade em seu conjunto. (SÁNCHEZ VÁSQUEZ, P. 23 E 24- 2014)

Com base nestas definições, foram desenvolvidas aplicações da ética: ética empresarial, ética profissional, ética social. Os conselhos e federações de profissões no Brasil e no mundo criaram seus próprios códigos de ética, estabelecendo a conduta ideal dos profissionais das referidas categorias.

Com o jornalismo não foi diferente. Em cada país, federações que representam a categoria criaram códigos de ética para reger o trabalho dos profissionais encarregados de levar a notícia à população.

Por regra, a maioria segue primeiro a Declaração de princípios para a conduta dos Jornalistas, adotada em 1954, pela Federação Internacional dos Jornalistas - FIJ, no 2º Congresso Mundial, em Bordeaux, e emendada pelo 18º Congresso Mundial da FIJ, em 1986 em Helsink. Ela estabelece um padrão de conduta para os profissionais do jornalismo. Seu primeiro artigo deixa claro: “Respeito à verdade e ao direito do público à verdade é o primeiro dever do jornalista.” E no 3º reafirma: “O jornalista somente informará de acordo com fatos cuja origem ele conhece. O jornalista não suprimirá informação essencial nem usará documentos falsificados.”

Essas regras são base de todos os demais códigos de ética profissionais da categoria, e atentam primeiramente para o trabalho com a veracidade dos fatos.

Outro documento de orientação para os profissionais e veículos de comunicação, é a Declaração de Chapultepec, documento adotado pela Conferência Hemisférica sobre liberdade de Expressão realizada, na cidade do México, em 1994. Ela estabelece 10 princípios. O penúltimo destes princípios descreve:

A credibilidade da imprensa está ligada ao compromisso com a verdade, à busca de precisão, imparcialidade e equidade e à clara diferenciação entre

as mensagens jornalísticas e as comerciais. A conquista desses fins e a observância desses valores éticos e profissionais não devem ser impostos. São responsabilidades exclusivas dos jornalistas e dos meios de comunicação. Em uma sociedade livre, a opinião pública premia ou castiga (SIP, 1994).

Nota-se aí, assim como em outros documentos já citados a fundamentação da veracidade e da responsabilidade como orientação profissional a ser seguida.

Também utilizando os princípios apresentados nestes documentos, foi criado o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, em 1987. Após vigorar por 20 anos, passou por uma atualização em agosto de 2007. Sindicalistas, professores e jornalistas de todos os estados do país deram sugestões, e um novo texto foi elaborado para orientar a conduta dos jornalistas na prática da profissão.

O código tem 19 artigos, apresentando como base, o direito do cidadão à informação. O documento estabelece direitos e deveres do profissional no exercício da atividade. Com base no tema desta pesquisa, podemos ressaltar o artigo 8º do Capítulo III:

“O jornalista é responsável por toda a informação que divulga, desde que seu trabalho não tenha sido alterado por terceiros, caso em que a responsabilidade pela alteração será de seu autor.” Sendo assim, o jornalista profissional deve compreender o que isto determina: Qualquer notícia que se publique tem que ser com cuidado e atenção à sua veracidade, proteção a individualidade e intimidade da pessoa, garantidas por lei, pois toda consequência de tal publicação é de sua inteira responsabilidade.

Em seu Artigo primeiro, inciso II, o Código orienta a base para fundamentar a necessidade desta pesquisa: “A produção e a divulgação da informação devem se pautar pela veracidade dos fatos e ter por finalidade o interesse público.” Entende-se aqui que jornalismo é informação unicamente verdadeira, que contribua para o cidadão tomar decisões, orientar-se preparar-se para seguir sua rotina.

No entanto, o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros não tem poder de punição sobre o profissional que emprega má conduta na execução da atividade. Como o registro da profissão é feito pelo Ministério do Trabalho, resta à Federação Nacional dos Jornalistas, sanções administrativas ao profissional faltoso.

Diferente de outras profissões regidas sob conselhos de ética, mesmo que um jornalista provoque o pior dos prejuízos morais a uma pessoa com uma publicação inverídica, este não corre o risco de ter seu registro profissional cassado ou cancelado por agir de forma antiética. O máximo que lhe acontece por parte da Federação dos Jornalistas, é uma advertência administrativa. A penalidade maior só ocorrerá se a pessoa, vítima do dano, processar na Justiça comum, para ressarcimento pelos danos morais sofridos.

2.4 FAKE NEWS – A FALSA NOTÍCIA

Lidar com notícias falsas não é algo novo. E elas não surgiram com o advento da internet. Permeiam o cotidiano das pessoas desde que as comunicações tomaram forma de informação. E chegam neste formato, disfarçadas de informação.

Muitas surgem de fantasias ou conversas mal interpretadas e podem tomar proporções devastadoras, uma vez que, compartilhadas, perde-se o domínio sobre o que foi dito. A mentira é tomada como verdade, e personagens de uma história, podem se tornar vítimas de injustiças imensuráveis.

O termo Fake News se popularizou em meados de 2016 durante as eleições presidenciais dos Estados Unidos. A criação do termo “Fake” chegou a ser reivindicada pelo presidente americano Donald Trump. No entanto, uma reportagem do jornal O Globo, publicada em outubro de 2017, mostra que tão logo o republicano puxou para si tal autoria, um dos dicionários mais famosos o desmentiu e destacou que o termo já existia no século XIX. A Merriam-Webster publicou que pesquisadores do Webster’s Dictionary encontraram registros de “Fake News” em 1890. Ou seja, existe há pelo menos 128 anos. “Em postagem no Twitter, a publicação esclareceu que a expressão surgiu no fim do século XIX para descrever "uma história política vista como danosa a agência, entidade ou pessoa", embora não fosse restrita ao campo da política na prática. (2016)”

No decorrer do espaço tempo histórias falsas continuam sendo criadas com o intuito principal de confundir a opinião de pessoas. O problema é que elas ‘viralizaram’,

passaram a ser produzidas em grande escala, e espalhadas de forma rápida graças à velocidade do meio digital.

É notório que a argumentação sobre pseudo informações vem ocupando espaço significativo nos últimos quatro anos. Assim, provoca reflexões no campo da pesquisa que podem contribuir para um melhor entendimento do contexto, e elaboração de técnicas para compreensão e combate a disseminação de notícias fantasiosas.

Em 2018, a pesquisadora Letícia Martins Monteiro de Barros, fez uma análise de notícias falsas contextualizando com a linguagem cognitiva. Em sua investigação, ela aborda a existência de *frames*, um gênero da linguagem que daria ao indivíduo permissão pra criar sentido a cenas conceitualizadas. E assim destaca: “no jornalismo é possível afirmar que um dos principais *frames* evocados em se tratando de notícia é o da verdade.”

Com base nesta afirmação, a pesquisadora esclarece que os veículos de comunicação, tendo em vista a concorrência, buscaram de forma incessante a característica da credibilidade, assim, passando a se ocupar ainda mais da checagem dos fatos e do acesso a fontes confiáveis. Era uma forma de não correr o risco de perder a confiança do público pela divulgação de notícias falsas. Assim, segundo a pesquisadora, se instaura o *frame* da verdade no sistema cognitivo dos indivíduos, ao receberem informações num texto noticioso.

Vale lembrar que boatos, e ou frases mal interpretadas podem gerar notícias falsas desastrosas, exemplificadas na materialização da história conhecida como “o caso Escola Base” ocorrida nos anos 1990, abordada mais adiante.

2.5 FAKE NEWS E SEUS DESMEMBRAMENTOS. ALGUNS CASOS

Boatos que se espalham como notícias feito rastro de pólvora. Tem sido assim a disseminação das Fake News. Mas o gatilho para uma notícia falsa, muitas vezes também é um fato, um acontecimento verídico. Valida-se aqui, que no âmbito de se “contar primeiro o que se viu”, mesmo o cidadão comum, de posse de ferramentas simples como um aparelho remoto provido de câmera e internet, apossa-se da notícia,

muitas vezes distorcendo detalhes, e a compartilha como lhe convêm. Sem qualquer conferência de sua total veracidade, muitos que a recebem, tratam de imediato de também passar adiante. Assim, estabelece-se uma corrente de divulgação, instantânea, rápida, com alcances inimagináveis pela transformação negativa aplicada sobre os fatos.

Em 2014, os veículos de comunicação mostraram a história de uma cidadã paulistana, espancada até a morte, vítima de boatos de que sequestrava crianças para rituais de magia negra. A falsa notícia se espalhou através de uma página da rede social Facebook, denominada *Guarujá Alerta*, acompanhada de um retrato falado da suposta criminosa, que se assemelhava à dona de casa Fabiane Maria de Jesus. Faz-se aqui um adendo: internautas que visitaram a página contribuíram para o julgamento insano pelo qual, a dona de casa passou e foi condenada sem direito de defesa. Tal contribuição se justifica pela partilha da imagem com a informação Fake que a acusava de sequestro e bruxaria. De posse de tal informação, moradores da cidade litorânea do Guarujá, se portaram como acusadores em defesa da justiça, aplicando a punição, que um ser monstruoso que matava crianças merecia. Não se questiona aqui, a conduta popular somente, mas a equívoca decisão de propalar um boato em forma de notícia, sem a devida confirmação.

A notícia verídica se descobriu depois, era que o retrato falado atribuído a Fabiane, se referia na verdade, a uma mulher acusada de tentar roubar uma criança dos braços de uma mãe na zona norte do Rio de Janeiro, dois anos anteriormente ao crime contra a dona de casa, no Guarujá em São Paulo.

Bem antes deste fato outro caso que marcou os abusos da imprensa no Brasil ao não checar todas as fontes antes de qualquer publicação foi o da Escola Base, em São Paulo. Tudo começou com a denúncia da mãe de uma criança, contra os donos da escolinha por abuso sexual contra seu filho. Tal denúncia ocorreu em março de 1994.

Após contato com outras mães, várias delas trataram de fazer o mesmo, afirmando que os filhos eram retirados da Escola Base e levados em peruas (vans) para uma casa onde assistiam fitas pornográficas, eram fotografadas nuas, e abusadas pelos 'tios' da escolinha. A polícia conseguiu mandados de busca e apreensão, e não

encontrou qualquer material, nem mesmo o suposto quarto com as descrições que as crianças teriam dito (somente para as mães) que haviam visitado.

O resultado não agradou as mães, que decidiram denunciar através da Rede Globo. A partir daí a situação ficou fora de controle. Sem qualquer confirmação da história, não só a Rede Globo, como várias outras emissoras de TV (Record, Band, TV Cultura...) embarcaram na versão contada pelas mães, empolgadas pelo furo de reportagem: Uma creche que servia de fachada para orgias sexuais com crianças. Depois de uma avalanche de reportagens descobriu-se que seis pessoas foram acusadas injustamente e chegaram a ser presas por crimes que nunca cometeram.

Diante das notícias de abuso sexual, os donos da Escola Base se viram no meio de ataques que literalmente, destruíram suas vidas. A escola e a casa onde moravam os sócios da escolinha foram depredadas. Ameaçado o casal Shimada, teve que deixar o estado. Vítimas de falsas denúncias, e reportagens que só apresentavam acusações vagas, Icushiro Shimada e Maria Aparecida Shimada, se refugiaram no Espírito Santo. Depois do episódio, Maria Aparecida entrou em depressão, o marido sofreu infartos. Também foram acusados injustamente a professora Paula Milhim Alvarenga (sócia da escolinha) e o marido dela e motorista Maurício Monteiro de Alvarenga, e outras duas pessoas. Todas inocentadas por falta de provas. Apesar das indenizações milionárias impostas aos veículos de comunicação que noticiaram de forma errônea os boatos, nenhum deles pode seguir com a atividade escolar. E suas vidas foram transformadas, marcadas para sempre.

Caso mais recente foi registrado no Rio de Janeiro no início deste ano (2018). Dezenas de notícias falsas também produziram um efeito nocivo após um crime que mobilizou a polícia carioca e milhares de pessoas, o caso Marielle Franco. A vereadora carioca foi assassinada junto com seu motorista Anderson Gomes, em março.

As notícias iniciais traduziam a imagem de uma mulher negra, defensora das minorias que agora era martirizada por seu antagonismo de ideias. No entanto, ao forjar das primeiras notícias sobre a morte inexplicada da parlamentar, um lado obscuro da vítima começou a se espalhar pelas redes sociais. A imagem da defensora de classes vertia-se em uma cidadã de comportamento e passado duvidosos. Tais publicações

insinuavam que Marielle Franco era ao contrário do que se imaginava, uma mulher envolvida com o submundo do crime, tendo inclusive sido casada com um chefe do tráfico do Rio de Janeiro.

As mensagens de difamação e ódio apregoaram de tal forma, que até mesmo uma jurista, convencida de sua veracidade, se manifestou publicamente tecendo duras críticas à suposta vida transgressiva da parlamentar. Não tardou descobrir-se tratar de pseudo informações, e alguns de seus algozes tomaram por correto, pedir desculpas.

2.5.1 O Labic – Laboratório de Cibercultura da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

O Laboratório de estudos sobre Imagem e Cibercultura – Labic – é uma das referências em análise e busca por notícias falsas no Brasil. Segundo seus idealizadores, seu trabalho está em construir um permanente banco de dados de conversações sobre política nas redes sociais e deste modo, tentar construir análises que ajudem a compreender os fenômenos atuais. A principal característica do laboratório é manter as coletas de eventos políticos e sociais relevantes e seu trabalho é pensado como o de historiadores do tempo presente.

O Labic é parte do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, associado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades e também ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Computação. Através do mesmo, são realizados experimentos de produtos digitais, e promovidas pesquisas e atividades de extensão relacionadas ao impacto da cultura digital nos processos da comunicação contemporânea. Foi criado em 2007 como projeto de extensão idealizado pelo professor Dr. Fábio Malini, e cresceu com o apoio do professor Dr. Fabio Goveia, a partir de 2012. Desenvolve pesquisas com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, da Capes e da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo – FAPES, além da própria Ufes.

Segundo um de seus coordenadores, professor Fábio Goveia, embora a circulação de notícias falsas, boatos e desinformações sempre apareceram em grande parte das investigações do Labic em redes sociais, foi a partir das eleições presidenciais de 2014 que se observou como esse fenômeno da "robotização" de perfis para disseminar informações em períodos eleitorais poderia ser danoso. Notou-se um mecanismo de manipulação de audiência em função de falsos usuários (fakes) ou usuários biônicos (robôs). Foi nas análises feitas pela equipe do Labic, que identificou-se forte atuação de "gangues digitais" que atuavam de modo tão intenso, que as postagens orgânicas perdiam sua relevância em meio às mensagens geradas pelos robôs.

O Laboratório não tem um mecanismo específico para investigar fake News ou desinformação. Desta forma utiliza-se de um complexo de dispositivos de coleta, processamento e análise de grandes volumes de dados para que os analistas apliquem técnicas em busca de padrões de comportamento. Esse trabalho é aperfeiçoado a cada coleta de dados específica. O Labic busca ainda, desenvolver sempre scripts e softwares que ajudem nesses estudos com grandes volumes de dados, além de um contínuo processo de formação e aperfeiçoamento dos pesquisadores do Laboratório.

A atuação do Labic tem sido de tão grande relevância em análise de dados e redes sociais, que durante as investigações do assassinato da vereadora Marielle Franco, do Rio de Janeiro, o mesmo realizou coletas de dados a pedido de jornalistas de O Globo. O Laboratório participou da parte inicial com os dados com busca por padrões e comportamentos anômalos nas publicações. O resultado dessas análises contribuiu para que as investigações dos jornalistas confirmassem uma série de informações falsas que se espalhavam sobre a parlamentar, que supostamente seriam causas para o assassinato. Desta forma, contribuiu para que as investigações policiais seguissem as linhas mais coerentes com a veracidade dos fatos que levaram ao crime.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Para se chegar às respostas desejadas nesta pesquisa foram estabelecidos alguns métodos. A classificação da pesquisa toma-se como base a definição apresentada por Vergara (2007) que a qualifica em dois aspectos: quanto aos fins e quanto aos meios.

Quanto aos fins, a pesquisa é analítica, descritiva e qualitativa. Analítica, uma vez que a mesma faz a análise documental de conteúdos publicados por jornalistas e público em geral, em sites de notícias e redes sociais. Descritiva, pois foi estudada e analisada a forma como esses conteúdos são expostos pelas mídias digitais. E qualitativa, pois traz a opinião de profissionais da comunicação na elaboração de uma cartilha com orientações para combater a disseminação de Fake News.

Quanto aos meios, a opção foi por três métodos, documental, bibliográfico e entrevistas. Documental, pois foram levantados e apresentados documentos, como pesquisas já realizadas sobre o tema, e no caso de publicações *Fake News* foi analisado o conteúdo noticioso comparando-o com notícias verídicas, e justificando onde estão os pontos inverídicos, seus riscos e malefícios. Bibliográfica, pois foram levantadas informações para dar a sustentação teórica ao trabalho. E entrevistas foram realizadas com jornalistas profissionais, doutores em comunicação social, e dirigentes de um Laboratório de Cibercultura, para sustentar a necessidade da veracidade na publicação de notícias.

Houve uma análise documental, usando como base reportagens e notas, publicadas em sites de notícias e redes sociais, além de livro-reportagem, com conteúdos que apresentem e analisem teor falso. Também foi feita a análise de como esses conteúdos implicam na vida das pessoas. Além da apresentação de casos sérios que aconteceram no país, envolvendo a mídia nacional, e que destruíram a vida de famílias.

A proposta inicial era realizar entrevistas pessoalmente com os profissionais de comunicação. Contudo, este método não foi possível em virtude da disponibilidade dos entrevistados e os locais onde estes residem fixa ou temporariamente.

Os jornalistas entrevistados moram em três estados distintos: Espírito Santo, Brasília e Pernambuco. Desde modo, considerando-se as distâncias e o tempo para realização da pesquisa, foi optado por realizar as entrevistas através de correio eletrônico.

Com o Labic procedeu-se o mesmo percurso, tendo em vista que os fundadores-coordenadores do laboratório encontram-se fora do país, residindo em Londres/Inglaterra, onde cursam doutorados. Mesmo com tempo reduzido e em outro país, o professor Fábio Goveia disponibilizou de dedicação para atender a solicitação de entrevista colaborando com suas respostas via e-mail.

A seleção dos indivíduos desta pesquisa foi feita por amostragem não-probabilística por conveniência, sendo estes, profissionais que atenderam prontamente ao convite e se mostraram disponíveis sempre que solicitada alguma informação.

Foram convidados 5 Jornalistas (repórteres e professores de comunicação social). O repórter e apresentador Antonio Coelho, profissional da comunicação há 16 anos, com trabalhos em rede nacional. Atua na Rede Globo há 13 anos já tendo passado por afiliadas no RJ, ES, RN e atualmente na TV Globo, como repórter no Recife, com trabalhos para o Jornal da Globo, Jornal Hoje, Bom Dia Brasil e Fantástico.

Também foi convidado o jornalista e professor da UFES José Antônio Martinuzzo,, Mestre e Doutor em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense. Pós-doutor em Mídia e Cotidiano pela Universidade Federal Fluminense. Professor Associado do Departamento de Comunicação Social e pesquisador dos grupos Sociedade Miatizada e Práticas Comunicacionais Contemporâneas/UFES (Líder), Laboratório de Comunicação e Cotidiano - ComC/UFES (Líder), Laboratório de Estudos em Criatividade e Tendências - LECET/UFES e Núcleo de Estudos e Experimentações do Audiovisual no Contexto Multimídia - Multis/UFF. Membro da Escola Lacaniana de Psicanálise de Vitória. Autor de vários títulos no segmento da comunicação.

Outro participante da pesquisa é o premiado jornalista e cientista social Patrik Camporez Mação, repórter de dois importantes veículos de comunicação no país, a revista *Época* e o jornal *O Globo*, vencedor ou finalista de 26 prêmios nacionais e internacionais de jornalismo, mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal do Espírito Santo e especialista em Docência do Ensino Superior pelo Instituto Vale do Cricaré (IVC). Atua, em Brasília, na cobertura de poder e investigação.

Convidamos ainda o jornalista e professor Roberto Teixeira, que há anos contribui para a formação de novos comunicadores no Espírito Santo. E também o jornalista Vinícius Baptista, repórter, apresentador e editor-chefe das regionais TV Gazeta Norte e TV Gazeta Noroeste, em Linhares e Colatina respectivamente. Especialista em Gestão Estratégica de Pessoas pela Fundação Getúlio Vargas. Jornalista da Rede Gazeta de Comunicação desde 2003, passando pelos veículos Portal Gazeta Online, Rádio CBN, repórter das editorias de Política e Economia do jornal *A Gazeta*, além de produtor, repórter e apresentador da TV Gazeta.

Para os 5 profissionais foram enviadas 13 perguntas voltadas a atividade do jornalismo e a ocorrência da divulgação de Fake News. E também foi solicitado que deixassem dicas e orientações para identificação e combate a disseminação de notícias falsas.

Quanto ao Labic, este foi selecionado por ser reconhecido como referência nacional em pesquisas relacionadas à cibercultura e à investigação de Fake News. Para participar desta pesquisa, me foi solicitado assinatura de documentos de confidencialidade e carta de solicitação de informações. Mediante o atendimento das normas, todas as informações inquiridas foram remetidas via e-mail.

Inicialmente, o objetivo era visitar o laboratório para coleta de informações in loco. Todavia, os dois principais coordenadores encontram-se fora do país para cursos de doutorado e pós-doutorado. Desse modo, os diretores interinos optaram pelo meio eletrônico.

A princípio o coordenador Fábio Goveia, manifestou o desejo em realizar a entrevista através do aplicativo Skype. Porém, por divergências de fuso horário entre os dois

países (Brasil e Inglaterra) não foi possível, passando-se assim, a proceder a entrevista por meio de correio eletrônico

É importante ressaltar que o tempo previsto inicialmente não pode ser cumprido, dados os atrasos na devolução das respostas de alguns entrevistados e de colaboradores do Labic que intermediaram a entrevista junto ao coordenador que está fora do país.

Os primeiros contatos com todos os profissionais foram via telefone, redes sociais e aplicativos de mensagens. E seguiu-se por meio de correio eletrônico.

O resultado da pesquisa foi relacionado neste estudo de forma descritiva e qualitativa. Aprestamos como produto, um blog com orientações de profissionais atuantes e preocupados com a credibilidade da informação, e sugestões de como identificar e combater a disseminação de Fake News. O blog é abastecido a cada 15 dias com notícias verificadas com a confirmação da autenticidade ou não da informação.

4 DISCUSSÕES E RESULTADOS

Deparar-se com mudanças na atividade profissional faz parte do processo evolutivo em toda e qualquer área de atuação. Faz-se aqui necessário evidenciar, que na comunicação, essas transformações atingiram o jornalismo de forma célere, e de certo modo, inquietante. Observa-se que ao longo dos séculos a atividade, que surgiu em forma de comunicados, passou por processos de profissionalização rígidos, dos quais foram criados padrões éticos e morais para atuação dos comunicólogos.

Apesar da criação de códigos e formação acadêmica, no Brasil, qualquer pessoa pode se autodeclarar jornalista comprovando com qualquer publicação, e assim receber o registro profissional das Delegacias Regionais do Trabalho. E mesmo diante de tamanha facilitação, as mídias digitais abriram caminho para que muitas outras pessoas passassem a atuar como mediadoras da notícia. Não se questiona aqui, o direito à liberdade de expressão, pelo contrário, analisa-se uma mudança de comportamento: em vez de expressar-se, nota-se o senso de liberdade pra se falar o que quiser, eximindo-se de preocupação com seus resultados.

Profissionais com formação acadêmica e atuação regida por preceitos éticos, demonstram ter nas mãos a responsabilidade de corroborar para que as notícias sejam de fato informações. Nesta pesquisa ouvimos a opinião de jornalistas que atuam em veículos de comunicação dentro e fora do Espírito Santo, além de doutores e professores em cursos de Comunicação Social, e ainda analisamos pesquisas já realizadas com relação ao tema. Percebe-se na fala destes profissionais um desvelado cuidado em transmitir notícias, bem como conhecimentos sobre o trato com a informação. Mas os mesmos também reforçam o papel da interação das sociedades com a atuação do jornalismo.

Foram entrevistados o Dr José Antônio Martinuzzo, professor da Universidade Federal do Espírito Santo e autor de vários livros, o professor e jornalista Roberto Teixeira, o jornalista da TV Globo Recife Antonio Coelho, o jornalista da revista Época e O Globo Patrik Camporez, e o jornalista Vinícius Baptista, editor-chefe das TVs Gazeta Norte e Gazeta Noroeste, afiliadas da Rede Globo no Espírito Santo.

O professor Dr. José Antonio Martinuzzo, defende que o jornalismo verdadeiro é uma conquista civilizatória, porque se baseia nas liberdades civis e políticas, bem como na defesa dos direitos humanos. Segundo Martinuzzo, a estima das sociedades a esses valores pode variar. Para ele, quando estes valores estão em alta, “o jornalismo tem reconhecimento imediato; quando estão em baixa, o jornalismo precisa travar uma luta extra, a do reconhecimento social de sua importância e da centralidade de valores que ele defende.”

A observação é semelhante a do professor Me. Roberto Teixeira. Ele ressalta que o jornalismo, além de uma prática dinâmica, é um alicerce imperioso para consolidar um regime democrático. No entanto, Teixeira ressalta que o bom jornalismo “retomou sua importância essencial nos dias atuais em virtude da proliferação e da ameaça das chamadas fake News.”

Assim pode-se entender a análise do apresentador Antonio Coelho. Para ele o bom jornalismo é aquele feito por profissionais que se eximem de suas ideologias, e se limitam a registrar fatos e depoimentos.

Esta também é a visão do jornalista, Vinícius Baptista. Ele lembra que as mídias sociais mudaram o formato de divulgação de notícias, pois as mesmas se tornaram um meio de comunicação. No entanto, alerta que isso não deve ser confundido com jornalismo: “O jornalismo hoje, está se adaptando as mais diversas plataformas. Quem na essência é ruim, vai ser ruim com ou sem transformações sociais e tecnológicas.”

Nota-se transformações sociais da comunicação em função da internet. O professor Dr. Martinuzzo observa que embora haja questões políticas e tecnológicas que influenciam nessas transformações, a essência do jornalismo não muda por se tratar de um valor. “O jornalismo de verdade é uma conquista civilizatória, posto que baseado nas liberdades civis e políticas, na defesa dos direitos humanos, entre outros pilares da humanidade.”

Já Teixeira ressalta que há falhas em virtude dessas transformações que atingem também as redações, visto que muitas foram reduzidas; ainda a concorrência com as mídias digitais e leitores mais exigentes, mas analisa que o “jornalismo torna-se

obrigado a manter-se atualizado diante das transformações ocorridas em uma sociedade hiperconectada, em rede, onde avança velozmente a disseminação e consumo de notícias pelos dispositivos móveis.”

Fato é que a tecnologia influenciou e continua influenciando a divulgação de notícias. O jornalista Antonio Celho, vê essa indução como “um acelerador. Aquilo que há 50 anos só chegaria à grande massa no dia seguinte, hoje começa a ganhar fôlego em instantes. Essa aceleração é interessante porque democratiza.” Porém Coelho faz uma ressalva:

Conversando com pessoas nas ruas, percebo que essa rapidez também sufoca. Sinto muita gente esgotada porque é bombardeada de notícias o tempo todo, via celular e redes sociais. Acredito que ainda temos esse desafio pela frente: administrar, selecionar o que absorver.

É o desafio diário do cidadão diante da nova comunicação, selecionar o que absorver das informações que recebe.

O jornalista e cientista social Patrik Camporez avalia que as mídias sociais mudaram o formato de divulgação de notícias, mas que isso é algo natural, pois se há um avanço tecnológico, o jornalismo deve se transformar para manter-se no cumprimento de seu papel e chegar às pessoas independente de qual seja o meio utilizado para tal finalidade.

E quando se fala em “Fake News”, Camporez, analisa que as pseudo informações são um mal na comunicação, mas defende que também são uma oportunidade de aprendizado tanto para os jornalistas quanto para a sociedade.

O jornalista precisa continuar fazendo seu trabalho, mas agora com um desafio maior de alertar a população dos riscos que as fake News trazem. É papel do jornalista denunciar qualquer tipo de mentira que circula nas redes. Também é uma oportunidade para a sociedade aprender a importância que têm o jornalismo profissional, pois no momento da dúvida as pessoas acabam recorrendo aos meios mais tradicionais e consolidados de comunicação.

Destaca o profissional. Já o jornalista Vinícius Baptista é mais enfático sobre o assunto: “Acredito que Fake News é um mal na sociedade como um todo. Não só na comunicação.” Porém, o jornalista conjectura que as mídias não são uma ameaça ao bom jornalismo, pois essa qualidade na divulgação de notícias depende do profissional.

Diziam que a televisão ameaçaria, e levaria à extinção, o rádio. Depois surgiu a internet que ameaçaria a televisão. E até hoje estamos ouvindo rádio e assistindo TV. Talvez esse formato mude ainda mais. Mas o jornalismo vai continuar sendo bem, e mal, feito em todas as plataformas.

Uma visão que corrobora com o pensamento de Martinuzzo. O professor observa que há mudanças sim, porém as mídias sociais só interferem nos cenários e nas condicionantes.

A única e determinante ameaça ao bom jornalismo é o desprestígio dos valores civilizacionais em nossa sociedade. Se democracia, igualdade, fraternidade, liberdade, justiça social, direitos humanos e civis deixam de ser valores comuns em nossas comunidades, o jornalismo de verdade se enfraquece.

Diante do desafio diário de confrontar informações que chegam nas redações ou mesmo através de dispositivos móveis, perguntamos aos comunicadores entrevistados nesta pesquisa, como os profissionais que estão se formando agora podem não se influenciar pela disseminação e prática de Fake News. O professor Teixeira, a primeira regra para quem está chegando ao mercado de trabalho, é estar atento ao Código de Ética da profissão. Na visão do professor “nunca foi tão importante a demanda da função do jornalista como nos dias de hoje. Os valores éticos e morais, que englobam checagem de apuração, contextualização dos fatos e o agir na ética e valores da sociedade em que vivemos.”

Martinuzzo ressalta que “o ponto base da formação e do trabalho de qualquer jornalista sério é formado pela desconfiança, pelo ceticismo e pela vontade da verdade factual.” O professor é enfático ao dizer que que o jornalista comprometido com a investigação da verdade, muito raro, cairá em alguma armadilha.

Este pensamento é congênere ao que avalia o jornalista Antônio Coelho. Ele ressalta o fator imparcialidade como primordial, pois que, segundo ele, toda notícia falsa traz opinião embutida. Coelho também reforça que é obrigação do jornalista “contestar, questionar, comparar informações, duvidar.”

É a mesma afirmação de Vinícius Baptista, que lembra que a regra básica do jornalismo é a apuração bem feita. “Dá trabalho, mas é a única forma de se fazer um bom jornalismo.” Defende. E Camporez completa: “Não se deve temer as Fake News, mas enfrenta-las para conseguir trazer luz a esses tempos de escuridão.”

A discussão também envolveu a identificação de notícia falsa ainda na origem. Camporez avalia que não é tão simples fazer essa identificação pelo fato de essas notícias conglomerar informações falsas e também verdadeiras. Enquanto que Baptista defende que em muitos casos, sim, é possível, sobretudo se a fonte for suspeita, desconhecida, páginas que o leitor nunca ouviu falar. A máxima, para ele é: Desconfie!

Este é também o entendimento de Martinuzzo,

[...] Fake News não são monstros de outro mundo, são constructos que guardam digitais de seus construtores. Como os jornalistas devem ser experts em fazer conexões e jogar luz em áreas de sombras, boatos dificilmente resistem à sua apuração.

Outros meios apresentados pelos jornalistas como forma de pressupor que uma notícia pode ser falsa consistem na força de algumas palavras. Para Teixeira são aquelas que buscam causar grande expectativa em quem recebe a informação, como “Urgente”. Para Coelho, são aquelas ligadas à “moralidade, julgamento e condenação como culpado, vergonha, criminoso, nojo.” Já os “exageros e assuntos mirabolantes” são apontados por Baptista como gatilho para desconfiar da informação.

Analisando o cenário em que se propagam notícias falsas em celeridade equivalente às verídicas, os profissionais ouvidos nesta pesquisa apontam essencialmente o ceticismo como forma de combater a disseminação de Fake News. Martinuzzo lembra que ser cético quanto a alarmismos e escândalos fáceis é primordial. Esses alarmismos podem estar embutidos em manchetes que divergem do texto da notícia, como aponta Antônio Coelho. E segundo ele, somente com trabalho e responsabilidade, se alcança a credibilidade.

Embora se discuta que o jornalismo profissional segue padrões específicos, nossos entrevistados afirmam que a propagação de notícias Fake dificulta o a execução da excelência na atividade. Isso porque, o trabalho de apuração tornou-se mais rigoroso, além de exercer uma perda de tempo quando a redação para em função de investigar uma informação, que no final revela-se falsa.

Assim, os jornalistas sérios e idôneos passaram a ter em suas mãos a missão de desconstruir notícias falsas quando a mentira for relativa a fato de relevância, como forma a preservar a confiança no jornalismo.

Também é importante ressaltar que em 2017 a Câmara Federal dos Deputados apresentou um projeto de lei para tipificar como crime a divulgação de notícia falsa. No entanto, a presidência da República vetou parcialmente o projeto.

Em novembro de 2019, o congresso derrubou o veto presidencial, e a lei foi aprovada transformando em crime a divulgação de Fake News para fins eleitorais. A pena para quem produzir notícias falsas sobre candidatos ou pessoas ligadas às eleições pode variar de 2 a 4 anos de prisão além do pagamento de multas. Aqueles que fizerem a divulgação dessas notícias inverídicas também são penalizados com prisão que varia de seis meses a um ano, e pagamento de multa.

A partir dessas discussões foi criado um blog denominado **Informes e Desinformes**, como forma de contribuir para o combate à disseminação de Fake News. O objetivo é avaliar a autenticidade das informações que circulam nas mídias digitais. O blog será atualizado e abastecido pela professora Serli Santos e por alunos do curso de Comunicação Social Publicidade e Propaganda da Faculdade Vale do Cricaré – FVC. O blog pode ser acessado no endereço <https://informesedesinformes.blogspot.com/>

Este blog vai contribuir para que o cidadão fique mais atento às notícias que recebe, e assim possa selecionar o tipo de informação que vai absorver. Também contribui para a atividade de jornalistas profissionais que encontrarão nas páginas do blog notícias cuja autenticidade já foi verificada, bem como para estudantes de comunicação, que poderão aprimorar seus conhecimentos e habilidades na apuração de notícias.

5 CONCLUSÕES

No desenvolver desta pesquisa foi identificado que as mídias digitais tornaram-se a grande ferramenta para a comunicação rápida e de alto alcance. Com a internet cada vez mais eficaz, lançar uma informação num site ou rede social significa atingir milhares e até milhões de leitores, rompendo as mais diversas fronteiras, em poucas horas.

Verificou-se também que essa ascensão tecnológica na comunicação abriu caminho para que muitos a utilizem com objetivos escusos, como a disseminação de desinformações, ou o que chamamos Fake News, as notícias falsas.

Verificou-se ainda que o direito à liberdade de expressão, previsto na Constituição brasileira, é sustentáculo para que cidadãos, utilizando-se de má fé pratiquem o ato de espalhar inverdades disfarçadas de notícias através do meio digital.

Ao percorrer e analisar os caminhos da produção de notícias através das mídias digitais percebeu-se que a propagação de pseudo informações busca vertiginosamente desviar a atenção de um determinado fato ou pessoa, e/ou ainda causar danos à imagem de alguém.

Essas desinformações se tornaram algo molesto, a ponto de grandes veículos de comunicação começarem a se manifestar no intuito de orientar a sociedade quanto aos cuidados com a propagação de notícias falsas.

Os profissionais ouvidos nesta pesquisa relatam esta preocupação que também é individual. Tanto os veículos quanto os profissionais da comunicação, passaram a buscar e montar estratégias que viabilizem a atividade do jornalismo com os princípios éticos estabelecidos para a categoria, de modo a abrir caminho para que a população também fique alerta e desconfie sempre que uma notícia parecer surpreendente ou odiosa para os padrões morais da sociedade.

Embora cause constrangimentos, tragédias sociais e ainda evoluam para crimes coletivos, a prática da disseminação de Fake News não é combatida com o rigor da

lei na maioria dos casos. O código de ética dos jornalistas apenas estabelece as regras para a boa prática da profissão, mas não há um conselho inquisidor para apurar e punir quem se desvia do caminho.

Considerando-se também que não há proibição para pessoas sem formação acadêmica atuarem como jornalistas, torna-se mais difícil coibir a propagação de desinformações.

Resta aos profissionais graduados e registrados, e aos veículos de comunicação idôneos o dever de fazer um trabalho cada vez mais rigoroso de checagem e confirmação de informações antes de sua publicação, e ainda reforçar a preocupação com o papel ético e seriedade que desempenham na profissão.

Apurou-se que muitos dos profissionais e veículos, além dos meios oficiais de divulgação, usam as redes sociais para reforçar o quanto estão trabalhando para levar fatos verídicos até o público, e ainda desconstruir inverdades que porventura tenham se disseminado em torno de algum acontecimento.

A criação de um blog como resultado desta pesquisa visa contribuir com esta preocupação em reconhecer uma notícia falsa, avaliar sua autenticidade e assim combater a disseminação das Fake News.

E por fim, a importância de ressaltar que espalhar notícias falsas já se tornou crime em período eleitoral.

REFERÊNCIAS

ALBERT, P; TERROU, F. **História da Imprensa**. Trad. HELDT, E.D. Martins Fontes, São Paulo, 1990.

ABI INTER – **Associação Brasileira de Imprensa Internacional**. Março, 2014. Disponível em <<http://abiinter.com/sala-de-imprensa/21-historia-do-jornalismo>> Acesso em 04 Jul. 2018.

BAHIA, B. J, **Jornal, História e Técnica – As técnicas do jornalismo**. Vol. 2 – 5ª Ed. – Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

BARBERO, J. M. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**; Tradução de POLITO, R. e ALCIDES, S. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ. 1997.

FERRARI, P. (org.), **Hipertexto, hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.

FIJ, FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DOS JORNALISTAS. **Declaração De Princípios Para Conduta Dos Jornalistas**, Helsink, 1986. Disponível em <<http://www.igutenberg.org/codinter.html>> Acesso em 10 Ago. 2018.

RIBEIRO, A. **Caso Escola Base**. Os Abusos da Imprensa. São Paulo, Ática, 2003.

RODRIGUES, V. **História do Jornalismo**. ABI Inter – Associação Brasileira de Imprensa Internacional, 2014.

SÁNCHEZ VÁSQUEZ, A. **Ética**. Tradução João Dell’Anna – 36ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

TRAMP DIZ QUE CRIOU EXPRESSÃO ‘FAKE NEWS’ E É DESMENTIDO POR DICIONÁRIO. **O Globo**, 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/trump-diz-que-criou-expressao-fake-news-e-desmentido-por-dicionario-21926348>> Acesso em 17 Ago. 2018

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 8ªed – São Paulo: atlas, 2007

USP, Biblioteca Virtual De Direitos Humanos – Universidade de São Paulo. Disponível em <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-n%C3%A3o-Inseridos-nas-Delibera%C3%A7%C3%B5es-da-ONU/declaracao-de-chapultepec-1994.html>> Acesso em 31 Ago. 2018.

UNICEF. Dezembro, 1948. Disponível em <https://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10133.htm> Acesso em 10 Ago. 2018.

APÊNDICES

APÊNDICE A - PERGUNTAS DIRECIONADAS AOS PROFISSIONAIS JORNALISTAS E PROFESSORES

1. Pra você o que define o bom jornalismo?
2. Na sua opinião, o jornalismo está acompanhando as transformações sociais sem perder sua essência?
3. As mídias sociais mudaram o formato de divulgação das notícias?
4. Fake News é um mal na comunicação?
5. As mídias sociais são uma ameaça ao bom jornalismo?
6. Como os profissionais que estão se formando agora, podem não se influenciar pela disseminação de Fake News?
7. É possível identificar a notícia falsa assim que ela sai de sua origem?
8. Como profissional da comunicação, você percebe alguma palavra ou termo comum que possa indicar que uma notícia é falsa?
9. O que você indica como forma de identificar e combater a disseminação de pseudonotícias?
10. Você considera que o jornalismo profissional está sendo influenciado, e até modificado diante da grande propagação de notícias falsas no meio digital?
11. A disseminação de Fake News dificulta a execução do bom jornalismo?
12. Você considera que o jornalismo profissional tem nas mãos a responsabilidade de desconstruir mentiras espalhadas em forma de notícias?
13. Dê três dicas que, na sua opinião ajudam a identificar e combater a propagação das falsas notícias.

APÊNDICE B - RESPOSTAS DOS PROFISSIONAIS NAS ENTREVISTAS

JOSÉ ANTÔNIO MARTINUZZO

1. Pra você o que define o bom jornalismo?

Atividade profissional de investigação e relato de fatos de relevância para a sociedade, em todos os aspectos da vida socioeconômica, tecnológica e político-cultural.

2. Na sua opinião, o jornalismo está acompanhando as transformações sociais sem perder sua essência?

A essência do jornalismo é buscar, por meio de investigação e relato norteados pelos ideais de objetividade, neutralidade e imparcialidade, desvelar fatos importantes para as comunidades as mais diversas. Essa essência não muda de acordo como questões tecnológicas e políticas, pois se trata de um valor. O jornalismo de verdade é uma conquista civilizatória, posto que baseado nas liberdades civis e políticas, na defesa dos direitos humanos, entre outros pilares da humanidade. O que pode variar é a estima das sociedades a esses valores. Quando estão em alta, o jornalismo tem reconhecimento imediato; quando estão em baixa, o jornalismo precisa travar uma luta extra, a do reconhecimento social de sua importância e da centralidade dos valores que ele defende.

3. Como você avalia a influência da tecnologia na divulgação de notícias?

Os novos modos digitais de produção, difusão e acesso de conteúdos estão convulsionando todos os negócios de informação no planeta. O jornalismo é um dos principais negócios dessa natureza. E é impactado em todos os seus processos, digo, produção, difusão/distribuição e reverberação.

4. As mídias sociais mudaram o formato de divulgação das notícias?

Certamente. As plataformas ou meios são constitutivos das mensagens. De toda sorte, é preciso entender que a humanidade opera muito mais por reinvenções do que

por rupturas. Digital e analógico, no caso das interfaces, dialogam e assim continuarão.

5. Fake News é um mal na comunicação?

Para mim, fake news são uma questão ética, antes de tudo. Elas são sintomáticas de uma sociedade que abre mão da verdade factual como mediadora e fiadora das relações. As consequências são a deslealdade e a supremacia dos mais fortes, no caso, os que mentem melhor e com mais conexões. Há inúmeros fatores no entorno das notícias falsas, mas considero que a questão ética é a mais grave.

6. As mídias sociais são uma ameaça ao bom jornalismo?

As mídias mudam os cenários e as condicionantes, mas a única e determinante ameaça ao bom jornalismo é o desprestígio dos valores civilizacionais em nossa sociedade. Se democracia, igualdade, fraternidade, liberdade, justiça social, direitos humanos e civis deixam de ser valores comuns em nossas comunidades, o jornalismo de verdade se enfraquece.

7. Como os profissionais que estão se formando agora, podem não se influenciar pela disseminação de Fake News?

Ponto base da formação e do trabalho de qualquer jornalista sério é formado pela desconfiança, pelo ceticismo e pela vontade da verdade factual. Se moralmente o jornalista estiver comprometido com o bem comum e a investigação da verdade, dificilmente ele cairá em alguma armadilha.

8. É possível identificar a notícia falsa assim que ela sai de sua origem?

Claro que sim, desde que haja vontade e disposição para isso. Fake news não são monstros de outro mundo, são constructos que guardam digitais de seus construtores. Como os jornalistas devem ser experts em fazer conexões e jogar luz em áreas de sombras, boatos dificilmente resistem à sua apuração.

9. Como profissional da comunicação, você percebe alguma palavra ou termo comum que possa indicar que uma notícia é falsa?

Contextualizar uma notícia, estabelecendo conexões com interesses em torno dos fatos noticiados e fixando suas origens e plataformas de divulgação, além de verificação do estilo das narrativas, é o primeiro passo. Não existe palavra ou termo que identifiquem boatos de primeira.

10. O que você indica como forma de identificar e combater a disseminação de pseudonotícias?

Como já disse, ceticismo quanto a alarmismos e escândalos fáceis, disposição para buscar a verdade factual, checagem cuidadosa, compromisso com o interesse público. Para começo de conversa.

11. Você considera que o jornalismo profissional está sendo influenciado, e até modificado diante da grande propagação de notícias falsas no meio digital?

O jornalismo precisa redobrar o cuidado com as fontes do que publica ou reverbera/compartilha. Jornalista de verdade desconfia de tudo e isso é o maior aliado da profissão no enfrentamento de fake news. O que é preciso é garantir tempo e condições de trabalho para esse enfrentamento.

12. A disseminação de Fake News dificulta a execução do bom jornalismo?

Só coloca mais um desafio. Mas é também uma grande oportunidade de o jornalismo mostrar seu grande valor para a sociedade como intermediário comprometido com a verdade dos fatos em meio a uma vertigem informacional, inclusive eivada por mentiras disfarçadas.

13. Você considera que o jornalismo profissional tem nas mãos a responsabilidade de desconstruir mentiras espalhadas em forma de notícias?

Se a mentira for relativa a fato de relevância, sim. Ademais, de acordo com o ocorrido, a fake news é ela mesma um fato que demanda investigação.

14. Dê três dicas que, na sua opinião ajudam a identificar e combater a propagação das falsas notícias.

1 – Sempre desconfiar de relatos sensacionalistas e amadores.

2 – Buscar fontes de informação jornalística profissionais e reconhecidas.

3 – Estar comprometido pessoalmente e profissionalmente com a verdade dos fatos, apostando na checagem do parece inconsistente ou falacioso.

4 - Conter o ímpeto de compartilhamento.

Roberto Teixeira dos Santos

Mestre em Comunicação e Territorialidades

Essas são as perguntas:

1. Pra você o que define o bom jornalismo?

O jornalismo é uma prática dinâmica, que retomou sua importância essencial nos dias atuais em virtude da proliferação e da ameaça das chamadas fake News. Jornalismo é nossa atribuição de contar boas histórias, de uma forma que possa ser bem compreendida pelo seu público-alvo, tendo em vista uma rigorosa checagem dos fatos, abertura para inúmeras fontes e contextualizada no cenário em que estão inseridas. Ainda assim, um alicerce imprescindível para a consolidação de um regime democrático e plural.

2. Na sua opinião, o jornalismo está acompanhando as transformações sociais sem perder sua essência?

Apesar das falhas, muito em virtude do rigor em que é submetido o processo de produção de notícias (lembro aqui o enxugamento das redações, o fim do chamado deadline, a “concorrência” com as redes sociais digitais e leitores cada vez mais exigentes), o jornalismo se torna obrigado a manter-se atualizado diante das transformações ocorridas em uma sociedade hiperconectada, em rede, onde avança

velozmente a disseminação e consumo de notícias pelos dispositivos móveis. O processo de jornalismo de dado é um exemplo.

3. Como você avalia a influência da tecnologia na divulgação de notícias?

A internet e as chamadas novas tecnologias revolucionaram a forma de viver de toda uma sociedade e o jornalismo não poderia ser diferente, correndo o risco de perecer e/ou se tornar inviável empresarialmente.

Estamos em uma sociedade em que cada vez mais os aparatos tecnológicos avançam e a influenciam notadamente todo o processo de produção de notícias. Pude acompanhar in loco, nas redações, a evolução do jornalismo em mais de duas décadas, notadamente após 1995 quando foi iniciado em nível mundial o jornalismo online. Tive o prazer e satisfação de ser o primeiro repórter do Gazeta Online, pertencente a Rede Gazeta de Comunicações, quando ocorreram as primeiras migrações da mídia off para online e todo o desafio que venho em diante. O processo de convergências de mídias e o jornalismo colaborativo vieram em seguida.

Imaginávamos por volta de 1999, quando produzi meu projeto de especialização que todas as mídias se convergiam para um computador, de fato, ocorreu, mas por meio dos aparelhos celulares.

Faço um parêntese para ressaltar o avanço da Internet no jornalismo, a ainda predominância da TV Aberta e o possível desaparecimento do jornalismo impresso nos próximos anos. Visto que, a tiragem é cada vez mais reduzida e não há mais por parte dos empresários do ramo nesta mídia impressa.

O deadline dos impressos se dará quando as atuais valentes e sobreviventes impressoras quebrarem ou deteriorarem. Grande recursos não serão alocados para consertá-las ou colocarem outras no lugar. Atualmente, impossível imaginar hoje um processo de qualidade, sem a atuação da apuração e checagem do chamado Jornalismo de Dados.

Chegamos ao que Lipovestky, chama de hipermodernidade atualmente. Com isso, tudo é excesso, tudo é demais, consumo, urgente, efêmero, esquizofrênico. As pessoas querem consumir notícias de maneira cada vez frenética, dinâmica, principalmente pelo Whatsupp. Daí surgem os riscos e o jornalismo profissional precisa entrar em cena com muita força.

4. As mídias sociais mudaram o formato de divulgação das notícias?

Certamente as mídias sociais digitais transformaram a forma de fazer jornalismo. Como preconizou o livro *Cultura da Convergência*, as mídias se aglutinaram e se retroalimentam com o impulso das pessoas, por meio das redes sociais na web. O jornalismo online avançou com os recursos multimídia disponíveis, por ventura, a partir dos blogs, as redes sociais se tornam uma espécie de alterego influenciador do jornalismo. Foi necessário mais do que nunca inserir a opinião das pessoas no dia-a-dia. Além disso, muitas das pautas surgem das redes sociais ou são apuradas por meio delas. Todos os principais veículos de comunicação também foram obrigados a ter seus perfis.

Refletindo sobre uma linha histórica, as redes sociais surgiram com muito deslumbre, propagadas como uma nova ágora virtual em que todos pudessem se expressar livremente, sem as amarras das grandes redes de comunicação. Em certa medida é fato que ocorreu, mas vieram também os problemas. O jornalista Andrew Keen, em seu livro *O Culto ao Amador* chegou a dizer que a maior parte do que era produzido na rede não tinha qualquer tipo de valor cultural e estávamos glorificando esta produção.

Realmente, tivemos esta possibilidade, mas o que podemos presenciar agora é que, com perfis falsos, chats bots, robôs e impulsionamentos fraudulentos e, principalmente, fake News é que não sabemos lidar bem com toda esta liberdade de expressão concedida. A internet não criou as fake News, mas potencializou. Segundo McLuhan (1969), o meio é a mensagem, ou seja, os suportes da comunicação e as tecnologias são determinantes na mensagem.

5. Fake News é um mal na comunicação?

Notadamente, a proliferação em larga escala, com objetivos ideológicos ou comerciais específicos é um mal não somente para a comunicação como um todo, mas de todo o processo civilizatório de nossa sociedade.

Em relação a nossa sociedade hipermoderna, chegamos as circunstâncias em que os fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que o apelo à emoção e a crença pessoal (características intrínsecas da fake News). O termo pós-verdade foi escolhido como “palavra do ano de 2016” pelo departamento de formulação de dicionários da universidade americana de Oxford.

Em última estância chegamos na chamada pós-censura em que grupos se articulam com interesses comerciais e políticos para dizimar, por meio de disparos em massas suas falsas notícias, de uma determinada opinião e submeter suas convicções ou produtos, criticando e massacrando qualquer tipo de opinião contrária. Chamo atenção para os fatos mais graves no campo ideológico. O outro é a competição desleal de grandes conglomerados comerciais que utilizam este artifício com investimentos vultosos para ter retornos financeiros ainda mais volumosos.

6. As mídias sociais são uma ameaça ao bom jornalismo?

Aos meu ver, penso ao contrário. Primeiramente é uma oportunidade do bom e combatido jornalismo se mostrar presente e toda a sua importância. De mostrar que estes profissionais que atuam no ramo precisam de uma sólida e contínua formação profissional. Além disso, no cotidiano são importantes fontes primárias e acervo de informações que podem aprimorar notadamente do que é consumido pelo público. Enfim, mídias sociais pode ser uma ameaça, mas não como abrir mão delas e saber fazer o bom uso e que se torne uma importante fonte de notícias.

7. Como os profissionais que estão se formando agora, podem não se influenciar pela disseminação de Fake News?

Para os profissionais que estão chegando ao mercado de trabalho, é preciso, mais do que nunca, atender o que preconiza a profissão, principalmente no que tange ao

Código de Ética da profissão. Aliás, a última revisão do código, do qual fiz parte, foi realizado aqui no Espírito Santo, em Vitória. Na minha opinião, nunca foi tão importante a demanda da função do jornalista como os dias de hoje. Os valores éticos e morais, que engloba checagem de apuração, contextualização dos fatos e o agir na ética e valores da sociedade em que vivemos. Como diz o prof.dr. Edgar Rebouças, não basta apenas contar sobre o assalto, mas dizer e o “E daí”, com as respostas como: Vem acontecendo? Porque nesta região? Etc.

8. É possível identificar a notícia falsa assim que ela sai de sua origem?

Mesmo agindo de boa-fé, não é tarefa simples identificar uma notícia falsa. Há profissionais capacitados em todo o mundo que utilizam de seus robôs e perfis falsos para entenderem de nosso dia-a-dia e impactar nossos corações e mentes para chamar atenção de notícias falsas. Milhões são investidos neste sentido e, em contrapartida, o mesmo volume de recursos não é utilizado de forma contrária, ou seja, um sistema para que possa identificar com agilidade uma notícia falsa, pouco fazem o fact-checking. Há sites que realizam esta identificação de notícias falsas e até mesmo os grandes veículos de imprensa que identificam notícias falsas, mas não conseguem fazer o mesmo desmentido com a velocidade que as fake News se propagam.

No entanto, aqui algumas dicas do site [Comunique-se](#): cuidado com as manchetes inteiras em LETRA MAIÚSCULA ou fotos obviamente manipuladas. O site tem muita publicidade, banners ou pop-ups? Sites falsos frequentemente adotam nomes parecidos com os de veículos de comunicação reconhecidos.”. Se a matéria não trazer links, citações ou referências, esse é outro motivo para desconfiar. Confirme uma notícia improvável procurando por um veículo reconhecido que tenha publicado a mesma informação. Confira a data original da notícia. Leia além das manchetes. Elas frequentemente têm pouca relação com a matéria. Use o seu instinto. Se uma notícia fizer você ficar com muita raiva, ela provavelmente foi construída para gerar essa reação. E finalmente, respire, respire, pense e na dúvida, não compartilhe, você pode vir a prejudicar muita gente com esta informação

9. Como profissional da comunicação, você percebe alguma palavra ou termo comum que possa indicar que uma notícia é falsa?

Em geral, termos relacionados a grande impacto, que denotam uma notícia que já criamos a expectativa de receber, como urgente!

10. O que você indica como forma de identificar e combater a disseminação de pseudonotícias?

Acho que foi respondido anteriormente.

11. Você considera que o jornalismo profissional está sendo influenciado, e até modificado diante da grande propagação de notícias falsas no meio digital?

Acredito que também tenha comentado anteriormente, as redes sociais digitais em um primeiro momento e as fake News, em um cenário de convergência de Mídias, que diria Henry Jenks, tem influenciado sobremaneira a sociedade hipermoderna, conectada e em rede.

12. A disseminação de Fake News dificulta a execução do bom jornalismo?

O público tem dificuldade em distinguir o que é fake News, informação, opinião e matéria paga, por exemplo. É necessário que uma ampla discussão com a sociedade possa reverter esta situação. Há um abalo no capital simbólico e na credibilidade dos grandes veículos de comunicação, mas é possível reverter este processo. Esta situação, também passa pela transparência dos veículos em identificar qual é identificação, alinhado ao Governo? Centro-Esquerda? Progressista? Popular? Esse posicionamento precisa ficar claro ao leitor para que ele possa optar e, se for o caso, buscar várias linhas de opinião.

13. Você considera que o jornalismo profissional tem nas mãos a responsabilidade de desconstruir mentiras espalhadas em forma de notícias?

Como disse anteriormente, nunca antes o capital simbólico concedido aos jornalistas se tornou tão importante. Mas, não é tarefa fácil. Eventos para discutir a questão com

a sociedade são necessários. É preciso preservar a confiança ainda existente e ampliar o fact-checking com maiores investimentos e agilidade, tanto no próprio veículo de comunicação, como estimulando na sociedade.

14. Dê três dicas que, na sua opinião ajudam a identificar e combater a propagação das falsas notícias.

Pense antes de sair propagando, desconfie se for uma notícia que todos esperavam que seriam ditas. Depois disso, procure checar com outros veículos de comunicação

Antonio Coelho

Sou Jornalista há 16 anos, formado pela Universidade Estácio de Sá, em Petrópolis. Trabalho na Rede Globo há 13 anos e já passei por afiliadas no RJ, ES, RN e há quatro anos estou na TV Globo, como repórter no Recife.

Em rede nacional, faço reportagens ao vivo e gravadas para o Jornal da Globo, Jornal Hoje, Bom Dia Brasil e Fantástico.

1. Pra você o que define o bom jornalismo?

Acredito que o bom jornalismo é o trabalho feito por profissionais que conseguem tirar a sua própria ideologia e se limitar a registrar fatos e depoimentos. Deve ser plural e isso exige das equipes um alto grau de empatia e de mente aberta para descobrir onde estão as opiniões diversas.

2. Na sua opinião, o jornalismo está acompanhando as transformações sociais sem perder sua essência?

Acredito que sim. Especialmente no que diz respeito à percepção de que o espaço público também é virtual. E o jornalismo me parece bem antenado com o que se fala nas redes sociais. Se incumbe de reverberar, repercutir e questionar aquilo que não é fato ou que está distorcido. Todos os profissionais que conheço trabalham tentando acertar. Mas nem sempre conseguimos. Erramos porque somos humanos. E as falhas que vejo no jornalismo atual são as mesmas que os profissionais que estão há mais tempo no mercado contam que existiam há 40, 50 anos.

3. Como você avalia a influência da tecnologia na divulgação de notícias?

Vejo como um acelerador. Aquilo que há 50 anos só chegaria à grande massa no dia seguinte, hoje começa a ganhar fôlego em instantes. Essa aceleração é interessante porque democratiza. Mas, conversando com as pessoas nas ruas, percebo que essa rapidez também sufoca. Sinto muita gente esgotada porque é bombardeada de notícias o tempo todo, via celular e redes sociais. Acredito que ainda temos esse desafio pela frente: administrar, selecionar o que absorver.

4. As mídias sociais mudaram o formato de divulgação das notícias?

Acredito que democratizaram e tornaram mais linear. Antes, o público era apenas receptor. Hoje interfere no conteúdo, devolve ao emissor a informação como ele interpreta e nos ajuda a entender como ele absorve a informação. Ouvir o retorno através de comentários nas redes sociais é muito interessante porque o público nos surpreende. Quando conseguimos filtrar quem é robô e quem é um cidadão que apenas quer ser ouvido, conseguimos colher sugestões de reportagens e ideias para continuidade de algumas coberturas.

5. Fake News é um mal na comunicação?

Fake News nos dão muito mais trabalho. Todos os dias recebemos relatos falsos na redação. Uma comparação simplória que faço é a do nosso trabalho com o dos bombeiros. Cada fake News é um trote, que nos toma tempo, faz a redação parar pra apurar e muitas vezes até descobrir que é notícia falsa perdemos um tempo precioso para trabalhar no que realmente é fato.

Muitos grupos brasileiros de mídia já dedicam espaço a separar o que é fato do que é fake e do que está distorcido ou mal estruturado. Acho que o público em geral entende quem faz o seu trabalho de maneira responsável.

6. As mídias sociais são uma ameaça ao bom jornalismo?

Definitivamente, não. Creio que o mundo inteiro está num processo de aprendizado. As pessoas ainda estão assimilando aquilo que nós, profissionais, sabemos:

jornalismo não é feito pra agradar. Uns ainda não querem assimilar, fato. A impressão que tenho, principalmente quando o tema é política, é que quando o jornalismo incomoda as pessoas pró político A ou pró político B tendem a procurar os panfletos virtuais do seu político preferido. Mas quando precisam que o político Y ou político Z seja contestado, elas sabem que é de jornalismo profissional que elas precisam.

É um processo. Ainda vamos entender como selecionar tanta informação e o valor do jornalismo vai ficar bem evidente. Talvez até mais evidente.

Se eu puder brincar de bola de cristal, diria que daqui a uma década (no máximo) esse aprendizado estará concluído e a população estará muito mais criteriosa com a informação que recebe através das redes sociais. Todos entenderemos o que é panfletário e o que é jornalismo profissional.

7. Como os profissionais que estão se formando agora, podem não se influenciar pela disseminação de Fake News?

Acho que o principal é aprender a retirar a sua opinião do seu trabalho. É contestar, questionar, comparar informações, duvidar. Isso é uma obrigação nossa. Quase toda notícia falsa traz opinião imbutida. Quando a pessoa acredita na notícia falsa é porque aquela é uma inverdade na qual a pessoa quer acreditar. Se a gente não quer acreditar em verdade nenhuma, se a gente se limita a apenas ouvir pessoas e nos surpreender com os fatos, fica mais fácil se blindar.

8. É possível identificar a notícia falsa assim que ela sai de sua origem?

Acho que notícias falsas geralmente trazem opinião disfarçada de reportagem e/ou fazem muito alarme. Os títulos não batem com o texto, as fontes parecem fracas. Essas características costumam evidenciar uma notícia falsa.

9. Como profissional da comunicação, você percebe alguma palavra ou termo comum que possa indicar que uma notícia é falsa?

Eu tenho muito receio de textos e manchetes que trazem palavras ligadas a moralidade, julgamento e condenação, como “culpado”, “vergonha”, “criminoso”, “nojo”...

10. O que você indica como forma de identificar e combater a disseminação de pseudonotícias?

Vou repetir o que disse acima. Acho que notícias falsas geralmente trazem opinião disfarçada de reportagem e/ou fazem muito alarme. Os títulos não batem com o texto, as fontes parecem fracas. Essas características costumam evidenciar uma notícia falsa.

Para combater, é trabalhar e trabalhar. Com isenção, com técnica e com paciência. Um dia, creio, teremos um mundo que fará essa seleção naturalmente. Neste momento, nosso trabalho tem que ser sacerdotal. Quando mais responsáveis formos, mais credibilidade teremos.

11. Você considera que o jornalismo profissional está sendo influenciado, e até modificado diante da grande propagação de notícias falsas no meio digital?

Acredito que foi ampliado, uma vez que os veículos criaram seções para distinguir o fato do fake.

12. A disseminação de Fake News dificulta a execução do bom jornalismo?

Dificulta porque dá mais trabalho e nos faz perder tempo. É como falei acima: até descobrir que uma informação que nos chega é falsa, perdemos um tempo precioso que poderia ser investido no que realmente é fato relevante para a população.

13. Você considera que o jornalismo profissional tem nas mãos a responsabilidade de desconstruir mentiras espalhadas em forma de notícias?

Acho que nosso papel é relatar fatos e confrontar informações. Acabamos absorvendo essa missão de desconstruir mentiras porque é a nossa natureza. Quando você

apresenta os fatos lado a lado com a notícia falsa e confronta uma coisa com a outra, fica mais fácil para o público formar a sua opinião.

14. Dê três dicas que, na sua opinião ajudam a identificar e combater a propagação das falsas notícias.

- Verificar se o texto é opinativo disfarçado de reportagem
- Fugir de manchetes alarmistas e que não condizem com o conteúdo da matéria
- Conferir se o veículo tem credibilidade e um histórico de serviços prestados ao país.

Patrik Camporez Mação,

Repórter da Época e do Globo em Brasília, é formado em Jornalismo e em Ciências Sociais. Também é Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal do Espírito Santo e especialista em Docência do Ensino Superior pelo Instituto Vale do Cricaré (IVC). Em oito anos trabalhando em redações (incluindo uma passagem de cinco anos pela Rede Gazeta – ES), foi vencedor ou finalista de 26 prêmios nacionais e internacionais de jornalismo. Atua, em Brasília, na cobertura de poder e investigação.

1. Pra você o que define o bom jornalismo?

Um conjunto de técnicas de apuração e transmissão de informações relevantes para uma sociedade, além de um poderoso meio de sustentação e consolidação da democracia em países como o Brasil. No campo mais prático, pode ser uma útil ferramenta para ajudar no cotidiano das pessoas, denunciar injustiças, combater desigualdades e dar transparência a ações que poderosos gostam de manter escondidas.

2. Na sua opinião, o jornalismo está acompanhando as transformações sociais sem perder sua essência?

Acho essencial que o jornalismo acompanhe essas transformações, sob o risco de perder sua importância caso se torne anacrônico. Por isso, com algumas escorregadas aqui outras acolá, acredito, sim, que o jornalismo tem acompanhado as

transformações sociais e mantido sua essência, que é defender o estado democrático de direito.

3. As mídias sociais mudaram o formato de divulgação das notícias?

Sim, mas é natural que, com o avançar tecnológico, o jornalismo se transforme exatamente para conseguir cumprir seu papel e chegar até as pessoas, independente do meio que seja utilizado para esta finalidade nobre.

4. Fake News é um mal na comunicação?

É um mal, mas também uma oportunidade de aprendizado para os jornalistas e para a sociedade. O jornalista precisa continuar fazendo seu trabalho, mas agora com um desafio maior de alertar a população dos riscos que as fake News trazem. É papel do jornalista denunciar qualquer tipo de mentira que circula nas redes. Também é uma oportunidade para a sociedade aprender a importância que têm o jornalismo profissional, pois no momento da dúvida as pessoas acabam recorrendo aos meios mais tradicionais e consolidados de comunicação. Não se conquista credibilidade e respeito agindo no anonimato e na clandestinidade, como fazem muitos divulgadores de notícias falsas. Por outro lado, o jornalista profissional tem um nome, um endereço de trabalho, e uma carreira a zelar, por isso tem relativo respaldo da sociedade como um todo para difundir informações.

5. As mídias sociais são uma ameaça ao bom jornalismo?

Pelo contrário, são uma aliada. Independente da mídia -- impressa, online ou televisiva --, os processos de produção de notícia precisam ser rigorosamente seguidos para se atingir o objetivo de informar com clareza e relativa imparcialidade. Muitas vezes não se consegue fazer o melhor jornalismo do mundo, mas o importante é que essa busca seja constante, independente para qual plataforma for.

6. Como os profissionais que estão se formando agora, podem não se influenciar pela disseminação de Fake News?

Quem se forma na área da comunicação se torna um profissional neste campo. Por isso não deve temer as fake News, mas enfrenta-las para conseguir trazer luz a esses tempos de escuridão.

7. É possível identificar a notícia falsa assim que ela sai de sua origem?

A maior parte das fake news que circulam nas redes não são tão simples de identificar: São um misto de informações aparentemente verdadeiras que se misturam com outras falsas. Não é fácil identificar, mas um profissional da comunicação tem que estar preparado para isso. Geralmente as notícias falsas são endereçadas a denegrir a imagem ou acabar com a reputação de uma pessoa ou instituição, por isso é papel do jornalista ajudar a desvendar as fake News.

8. Como profissional da comunicação, você percebe alguma palavra ou termo comum que possa indicar que uma notícia é falsa?

Não, mas é importante observar sempre a fonte dessa informação; saber se há alguém se responsabilizando pela publicação desse conteúdo e, caso esse alguém exista no mundo virtual, saber se não se trata também de uma pessoa falsa.

9. O que você indica como forma de identificar e combater a disseminação de pseudonotícias?

A melhor forma de combater a desinformação é produzindo informação, de preferência com profissionalismo e respeito total às boas práticas da comunicação.

10. Você considera que o jornalismo profissional está sendo influenciado, e até modificado diante da grande propagação de notícias falsas no meio digital?

Sim. É uma necessidade do jornalismo se reinventar para enfrentar as adversidades do seu tempo. E no caso das notícias falsas isso tem ocorrido.

11. A disseminação de Fake News dificulta a execução do bom jornalismo?

Acredito que não, mas acentua a responsabilidade do jornalista.

12. Você considera que o jornalismo profissional tem nas mãos a responsabilidade de desconstruir mentiras espalhadas em forma de notícias?

Como respondido anteriormente, tem, sim essa responsabilidade, que deve ser encarada como uma missão da profissão.

13. Dê três dicas que, na sua opinião ajudam a identificar e combater a propagação das falsas notícias.

Desconfiar de informações muito chamativas

Checar se a fonte da informação é confiável

Na desconfiança, checar em outras fontes confiáveis

Seja cético, sempre, nas redes sócias, com as informações que você consome.

Busque sempre informações em fontes variadas e confiáveis.

Vinícius Baptista dos Anjos

Graduado em Jornalismo pela Universidade de Vila Velha, em 2004 e pós-graduado em Gestão Estratégica de Pessoas pela Fundação Getúlio Vargas. Funcionário da Rede Gazeta de Comunicação desde 2003, onde atuou como estagiário do Portal Gazeta Online, repórter da Rádio CBN, repórter das editorias de Política e Economia do jornal A Gazeta, além de produtor, repórter e apresentador da TV Gazeta. Desde 2013, editor chefe da TV Gazeta Norte e TV Gazeta Noroeste.

1 Pra você o que define o bom jornalismo?

O jornalismo onde se ouve, e se publica, todos os lados de uma história.

2 Na sua opinião, o jornalismo está acompanhando as transformações sociais sem perder sua essência?

O jornalismo sim. O que tem mudado com as transformações sociais é que todos ganharam mais voz e tem o direito de expressar suas opiniões em diversas plataformas. Não podemos confundir isso com jornalismo. O jornalismo hoje está se

adaptando as mais diversas plataformas. Quem na essência é ruim, vai ser ruim com ou sem transformações sociais e tecnológicas.

3 As mídias sociais mudaram o formato de divulgação das notícias?

Sim. Hoje as mídias sociais se tornaram um meio de veiculação de notícias. Muitos se informam pelas mídias sociais, em detrimento dos veículos tradicionais de comunicação.

4 Fake News é um mal na comunicação?

Eu acredito que é um mal na sociedade como um todo. Não só na comunicação.

5 As mídias sociais são uma ameaça ao bom jornalismo?

Não vejo dessa forma. Inclusive acho que é possível fazer um bom jornalismo pelas mídias sociais. Existe vários jornalistas respeitados que fazem jornalismo ético, plural e correto em seus perfiais sociais. Não acho que nada ameaça um trabalho correto e bem feito. Diziam que a televisão ameaçaria, e levaria a extinção, o rádio. Depois surgiu a internet que ameaçaria a televisão. E até hoje estamos ouvindo rádio e assistindo TV. Talvez o formato mude ainda mais. Mas o jornalismo vai continuar sendo bem, e mal, feito em todas as plataformas.

6 Como os profissionais que estão se formando agora, podem não se influenciar pela disseminação de Fake News?

Seguindo a regra mais básica e primária do jornalismo: apuração bem feita! Dá trabalho, mas é a única forma de se fazer um bom jornalismo.

7 É possível identificar a notícia falsa assim que ela sai de sua origem?

Em muitos casos sim. Primeiro quando essa origem é suspeita. Blogs desconhecidos, páginas que você nunca ouviu falar. No que diz respeito a divulgação de notícias, desconfie sempre de quem você nunca ouviu falar. É tão simples! É como na vida. Se

alguém que você nunca viu, que você não conhece, começa a falar mal de alguém da sua família. Você acredita de primeira? Com as notícias é a mesma coisa.

8 Como profissional da comunicação, você percebe alguma palavra ou termo comum que possa indicar que uma notícia é falsa?

A origem da notícia. De onde ela está vindo? Quem é o autor da informação? Também costumo desconfiar de exageros e assuntos mirabolantes.

9 O que você indica como forma de identificar e combater a disseminação de pseudonotícias?

Se você não sabe de onde veio, não passe para a frente.

10 Você considera que o jornalismo profissional está sendo influenciado, e até modificado diante da grande propagação de notícias falsas no meio digital?

O jornalismo profissional tem que se adaptar as mudanças sempre. Mas a essência é a mesma! Apuração! Diante de tantas fake news, o trabalho de apuração precisa ser mais rigoroso. Como eu disse, dá trabalho. Mas é a forma mais segura de impedir que seu público tenha acesso a uma fake news compartilhada por você.

11 A disseminação de Fake News dificulta a execução do bom jornalismo?

É uma erva daninha. Infelizmente muitos acabam colocando todos no mesmo barco: jornalistas e pessoas que espalham notícias falsas. E isso, de certa forma, atrapalha sim.

12 Você considera que o jornalismo profissional tem nas mãos a responsabilidade de desconstruir mentiras espalhadas em forma de notícias?

Sim. Essa é uma das missões primordiais do jornalismo: combater as inverdades e jogar luz sobre os assuntos ouvindo todos os lados envolvidos.

13 Dê três dicas que, na sua opinião ajudam a identificar e combater a propagação das falsas notícias.

- 1) Confira a origem da informação. Se você nunca ouviu falar nessa fonte, saia fora!
- 2) Se for algo muito extraordinário, pesquise em outras fontes. Não acredite na primeira informação que você receber.
- 3) Recorra aos veículos tradicionais e que já estão no mercado há muito tempo. Ainda temos grandes veículos de comunicação no país, que construíram sua credibilidade ao longo de muitos anos de trabalho sério, a quem podemos recorrer em caso de dúvida.